



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS DE ERECHIM**

**INSTITUTO EDUCAR**

**CURSO DE AGRONOMIA**

**VANDERSON DE OLIVEIRA**

**TURISMO RURAL:**

As percepções e alternativas para o projeto caminhos da conquista no  
município de Abelardo Luz - SC

**Pontão - RS**

**2018**

**VANDERSON DE OLIVEIRA**

**TURISMO RURAL:**

As percepções e alternativas para o projeto caminhos da conquista no  
município de Abelardo Luz - SC

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como  
requisito para obtenção de grau de bacharel em Agronomia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Vanderlei Franck Thies

**PONTÃO - RS**

**2018**

VANDERSON DE OLIVEIRA

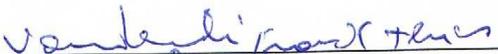
"TURISMO RURAL: AS PERCEPÇÕES E ALTERNATIVAS PARA O PROJETO CAMINHOS  
DA CONQUISTA NO MUNICÍPIO DE ABELARDO LUZ-SC"

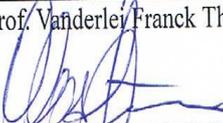
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul

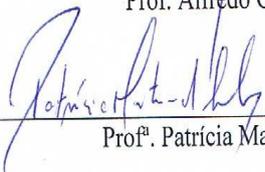
Orientador: Prof. Vanderlei Franck Thies

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 07/06/2018.

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Vanderlei Franck Thies

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Alfredo Castamann

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Patricia Martins da Silva

Oliveira, Vanderson de

Turismo Rural: As percepções e alternativas para o projeto caminhos da conquista no município de Abelardo Luz - SC/ Vanderson de Oliveira. -- 2018. 72 f.

Orientador: Vanderlei Franck Thies.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Agronomia, Erechim, RS, 2018.

1. turismo em área de assentamento. I. Thies, Vanderlei Franck, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**Fonte: Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)**

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho de conclusão de curso à minha família, pelo apoio sem nunca medir esforços, ao meu professor orientador por toda a atenção e a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho, cada um destes fará parte desta conquista.*

## AGRADECIMENTO

Neste momento em que estou prestes a encerrar mais um ciclo da minha vida, gostaria de agradecer a cada um e cada uma que esteve ao meu lado, dando apoio e palavras de incentivo. Especialmente gostaria de agradecer aos meus pais, José de Oliveira e Ivanir de Oliveira, que nestes cinco anos fizeram o possível e impossível para me manterem aqui, pois apesar de todas as dificuldades nunca deixaram de apoiar. Também agradeço ao meu irmão Valcir, que sempre me apoiou nesta trajetória.

Quero agradecer também ao movimento dos trabalhadores rural sem-terra, que propiciou que eu pudesse realizar este sonho, por isso divido esta minha conquista a cada um que ajudou a escrever a história deste movimento nestes mais de 30 anos.

A toda a família por terem mostrado todo o orgulho e satisfação o que me dava mais coragem para retornar ao fim de cada tempo comunidade. Aproveitar também para lembrar as minhas avós, que nos deixaram durante esta caminhada, mas com a certeza que onde estiverem estarão orgulhosas.

Agradecer aos meus amigos e amigas que neste período entenderam as vezes que os deixava de lado por conta dos trabalhos, pelas palavras de apoio e pelas festas quando eu retornava. Neste mesmo sentido quero agradecer as pessoas que entraram na minha vida nesta caminhada, sendo que alguns se tornaram mais que amigos.

Agradeço também a todo o coletivo do Instituto Educar, a todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial ao professor Vanderlei Franck Thies, o qual aceitou o desafio de me guiar neste último desafio na conclusão do curso.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus 54 colegas que de uma forma ou outra nestes cinco anos contribuíram para me fortalecer, me ensinaram coisas novas, novas experiências e novas realidades, fazendo entender que só temos o direito de sonhar com um futuro diferente, se tivermos a coragem de lutar por uma realidade diferente.

*“Derrota é um estado da mente, ninguém está derrotado até a derrota ser aceita como realidade”.*

**Bruce Lee**

*“O sucesso nasce do querer, da determinação e da persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo um alvo, quem buscar e vencer obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.*

**José de Alencar**

## Resumo

Os desafios da luta pela terra, por direitos e qualidade de vida são recorrentes na história de Abelardo Luz – SC. A busca pela reforma agrária é impulsionada pelo início dos assentamentos em 1985, trazendo consigo mais de 1400 famílias que hoje estão assentadas no município, nos mais de 20 assentamentos. Essas famílias almejam dignidade, a quebra de preconceitos e buscam qualidade de vida, mais recentemente através de uma nova fonte de renda, a qual poderia garantir sua permanência na propriedade. Essa busca fez surgir, no ano de 2015, a ideia da construção de uma rota turística, com visita exclusiva em lotes dos assentamentos, sendo essa iniciativa inédita no estado. O objetivo deste trabalho é analisar as percepções das famílias e outros atores envolvidos no projeto de turismo rural nos assentamentos do município de Abelardo Luz - SC e discutir os pontos que não permitiram o sucesso do projeto. Para isso foi realizada pesquisa qualitativa, desenvolvida através de um estudo de caso. Foram realizadas entrevistas, com os mais diversos atores do projeto, além de pesquisa bibliográfica e consulta documental. Como resultado deste trabalho se teve o diagnóstico das percepções dos atores, o entendimento de por que o projeto parou e levantam-se algumas possibilidades de como criar condições para sua retomada.

**Palavras chave:** Turismo no espaço rural, assentamentos, reforma agrária.

## **Abstract**

The challenges of the struggle for land, for rights and quality of life are recurrent in the history of Abelardo Luz - SC. The search for agrarian reform is driven by the beginning of the settlements in 1985, bringing with it more than 1400 families that today are settled in the municipality, in more than 20 settlements. These families seek dignity, break prejudices and seek quality of life, more recently through a new source of income, which could guarantee their permanence in the property. In the year 2015, this search led to the idea of building a tourist route, with exclusive visitation in lots of the settlements, and this initiative was unpublished in the state. The objective of this work is to analyze the perceptions of the families and other actors involved in the rural tourism project in the settlements of the municipality of Abelardo Luz - SC and discuss the points that did not allow the project success. For this, a qualitative research was carried out, developed through a case study. Interviews were conducted with the most diverse actors of the project, as well as bibliographic research and documentary consultation. As a result of this work we had the diagnosis of the perceptions of the actors, the understanding of why the project stopped and some possibilities of how to create conditions for its recovery are raised.

**Key words:** tourism in rural areas, settlements, land reform

## **Lista de ilustração**

Quadro 1 – Diferenciação conceitual.....	23
Quadro 2 – Famílias participantes e o enfoque da visita.....	38

## **Lista de imagens**

Imagem 1 – divisão do turismo rural.....	23
Imagem 2 – Localização do município de Abelardo Luz/Santa Catarina.....	31
Imagem 3 – logomarca do PTRCC.....	39
Imagem 4 – Organização e treinamento do grupo.....	41
Imagem 5 – trabalho coletivo.....	44
Imagem 6 – Benfeitorias realizadas.....	45

## Lista de fotografias

Fotografia 1 - Ponte e ao fundo monumento de homenagens a luta.....	42
Fotografia 2 – visita do grupo de ciclismo.....	46
Fotografia 3 – Passeio de trator com crianças.....	46
Fotografia 4 - Parque das quedas.....	61
Fotografia 5 - Estrutura prainha Camping.....	62
Fotografia 6 - quedas rio Chapeco/prainha .....	63
Fotografia 7 - Avenidas Beira Rio.....	64
Fotografia 8 - Igreja matriz.....	65
Fotografia 9 - Gruta.....	65
Fotografia 10 - Chácara Padre Zanatta.....	66
Fotografia 11 – assembleia de primeiros acampamentos.....	67
Fotografia 12 – mutirão de limpeza na comunidade.....	67
Fotografia 13 – Festa e ciranda assentamento 25 de maio.....	68
Fotografia 14 – monumento em referência ao momento da ocupação e fogo na ponte.....	68
Fotografia 15 – formatura de estudantes, escolas de ensino médio, frutos da luta dos assentados.....	69
Fotografia 16 – a cultura nos acampamentos.....	69
Fotografia 17 – dia de festa.....	70
Fotografia 18 – dia de festa.....	70
Fotografia 19 – assembleia.....	71
Fotografia 20 – forno de carvão.....	71

### **Lista de sigla**

EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTUR – Ministério do Turismo

PNT – Plano Nacional de Turismo

PNTRAF – Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar

PTRCC – Projeto de Turismo Rural Caminhos da Conquista

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1. OBJETIVOS .....	17
1.2. JUSTIFICATIVAS.....	18
1.3. METODOLOGIA .....	18
<b>2. DIFERENTES DEFINIÇÕES SOBRE O TURISMO E TURISMO RURAL</b>	<b>21</b>
2.1. PLURIATIVIDADE E TURISMO NO CAMPO .....	21
2.2. TURISMO RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR .....	22
2.3. TURISMO RURAL EM ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA .....	25
<b>3. CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DE ESTUDO</b> .....	<b>29</b>
3.1. A HISTÓRIA DO OESTE CATARINENSE E DE ABELARDO LUZ ....	29
3.2. CAMINHOS DA CONQUISTA.....	33
<b>4. OS OLHARES SOBRE O PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA</b> .....	<b>40</b>
4.1. AS PERCEPÇÕES DOS ENVOLVIDOS.....	40
4.2. CAUSAS DA ESTAGNAÇÃO.....	47
4.2.1. Novas alternativas .....	49
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FAMÍLIAS ENVOLVIDAS NO PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA</b> .....	<b>59</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS DEMAIS ENVOLVIDOS NO PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA</b> .....	<b>60</b>
<b>ANEXO A - OS PONTOS TURÍSTICOS DO MUNÍCIPIO</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO B – FOTOS HISTÓRICAS DA HISTORIA DOS ASSENTAMENTOS DE ABELARDO LUZ</b> .....	<b>67</b>
<b>ANEXO C – AS REGRAS DO PTRCC</b> .....	<b>72</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este é um estudo de caso do Projeto de Turismo Rural Caminhos da Conquista - PTRCC, no município de Abelardo Luz, no oeste do estado de Santa Catarina. O município está a uma distância aproximada de 574 km da capital Florianópolis.

O estudo tem como objetivo diagnosticar as percepções dos envolvidos em um projeto de turismo rural, baseado nos princípios naturais, históricos, culturais e sociais. A ideia de trabalhar a questão do turismo rural em uma área de reforma agrária visa discutir a realidade vivida no assentamento, do assentado e da sua família, que trabalham na terra e dela retiram seu sustento.

O turismo rural pode ser uma das alternativas de superação aos desafios impostos aos assentados desta região, onde na maioria das propriedades estão ficando somente as pessoas de mais idade. Além de que se pode perceber a necessidade de mais fontes de renda, mas isso sem que as famílias se desvinculem da história local. A continuidade deste vínculo trará consigo, a quebra dos preconceitos existentes pela sociedade, que em grande medida desconhece a realidade dos assentamentos.

Propor o turismo rural em um local diferente para a grande maioria das pessoas é algo bastante desafiador, mas ao mesmo tempo, é algo que pode despertar a curiosidade em conhecer novas atividades, como o cuidado com a terra no momento de fazer o plantio, o trabalho com os animais e até mesmo aquela conversa com o camponês, para ouvir suas histórias.

O PTRCC foi lançado no ano de 2015, com objetivo de garantir uma nova fonte de renda para famílias assentadas, promovendo qualidade de vida, valorizando a história e o modo de vida de cada uma, com isso garantindo a permanência das famílias na agricultura e na ocupação dos lotes da reforma agrária.

Busca-se nesse trabalho entender como se deu a elaboração, a construção e organização do projeto caminhos da conquista, a partir das percepções dos diversos envolvidos. Procura-se identificar o que o PTRCC trouxe de benefícios, não somente para uma família, mas também para a comunidade e, junto a isso, entender o por que não ocorreu a continuidade dessa ação.

Com o PTRCC Abelardo Luz passa oferece também um turismo histórico e cultural, que leva os visitantes a conhecer a história dos assentamentos e a história

de vida dessas comunidades, bem como as formas de produção, praticada pelos pequenos produtores rurais, a produção sem o uso de agrotóxicos e a experimentação do rico e saudável sabor do campo. A rota era única dentro do Estado de Santa Catarina com visitação exclusiva em propriedades de assentados.

Um dos grandes desafios dos profissionais de agronomia é o de ajudar na construção de novas alternativas produtivas, organizativas e de renda para os camponeses. Pois como poderá se garantir a permanência da família na terra, dando a ela a emancipação, através da sua cultura, conhecimento e produção? Sabendo que as formas alternativas de produção, a valorização da sua história e a da cultura camponesa, também são formas de resistência e de luta de classe.

Diante desse contexto o presente trabalho procura responder a seguinte questão: quais as percepções dos envolvidos no projeto PTRCC e porque ele parou?

### **1.1. Objetivos**

O turismo rural pode permitir uma renda complementar ao trabalho dos agricultores, não apenas com a visitação, mas também com a venda de produtos coloniais; além de oferecer para a cidade uma nova alternativa turística, pois até então se tinha o turismo fortemente concentrado nas áreas mais urbanizadas do município, principalmente nas quedas do Rio Chapecó e na prainha de Abelardo Luz.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as percepções das famílias e outros atores envolvidos no projeto de turismo rural nos assentamentos do município de Abelardo Luz, oeste de SC e discutir os pontos que não permitiram o sucesso do projeto.

Para isso a pesquisa estará baseada nos seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a história local e contextualizar como se deu o surgimento do projeto caminhos da conquista.
- Identificar as percepções dos envolvidos no projeto seja eles de forma direta ou indireta.
- Levantar e discutir as causas do não andamento do projeto, os principais problemas na visão dos atores. Com isso tentar sugerir novas alternativas e saídas para o projeto caminhos da conquista.

## 1.2. Justificativas

O processo de reforma agrária em Abelardo Luz teve início em 1985, quando cerca de 1400 famílias vindas de diversas regiões ocuparam uma área improdutivo do município no dia 25 de maio. Eram mulheres, homens, jovens e crianças em busca de um pedaço de chão.

Desde que se iniciou o processo de assentamento das famílias pode-se perceber que os maiores desafios eram a permanência das famílias nos lotes e o preconceito existentes pela sociedade em geral para com os assentados, ou popularmente conhecidos como “os acampados”.

Uma das ações que mais manifestou resultado foi o lançamento da rota para visita das propriedades rurais, exclusiva em área de assentamento, denominada Rota de Turismo Rural Caminhos da Conquista. Esse projeto propiciava as famílias participantes uma nova fonte de renda, o que poderia ser determinante na sua permanência na terra.

O estudo deste tema se faz necessário, não apenas para conhecê-lo, mas principalmente para ajudar a fortalecer o seu vínculo para com os seus objetivos, que é a luta por qualidade de vida e dignidade, não apenas para as famílias do projeto, mas também para todas as outras famílias assentadas.

Por tudo isso e pela oportunidade de se ter algo novo, o estudo deste tema parece bastante importante e, como futuro profissional, militante e assentado, trabalhar com algo que nos aproxima da terra, da luta por ela e pelo resgate da história de tudo aquilo que foi construído até então. Fazer também uma análise e avaliação deste tema é algo fundamental para a sua continuidade, dando ainda mais força na continuidade da reforma agrária popular.

## 1.3. Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa desenvolvida através de um estudo de caso.

[...] o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência (YIN, 2005, p. 32).

Ainda neste sentido, conforme Gil (2008, p. 54), pode-se entender estudo de caso como “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Para a realização do trabalho foi realizado a revisão bibliográfica sobre a conceituação do termo turismo, turismo rural e em assentamentos, histórico da região oeste de SC, de Abelardo Luz e dos assentamentos, do turismo em Abelardo Luz e análise de documentos do PTRCC, caracterizando esta parte do estudo como uma pesquisa bibliográfica e documental.

Pesquisa Bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Não se recomenda trabalhos oriundos da internet (GIL, 2008, p.50).

Já pesquisa documental:

Pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições etc.), existem também aqueles que já foram processados, mas podem receber outras interpretações, como relatórios de empresas, tabelas etc. (GIL,2008, p.51).

Em um segundo momento do trabalho foi realizada a coleta de dados primários, onde foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas, com os mais diversos atores do projeto “caminhos da conquista”. Segundo Minayo (2002) a entrevista semiestruturada é uma junção da entrevista estruturada que pressupõe perguntas previamente formuladas, com a entrevista não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto.

Foram entrevistados os seguintes envolvidos no PTRCC: quatro famílias assentadas que receberam visitantes do projeto; técnica do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE que assessorou o projeto; ex-funcionário da Prefeitura Municipal de Abelardo Luz, responsável pelo projeto junto à pasta da Secretaria Municipal de Turismo; e com o responsável pela organização das visitas, o qual era funcionário da Secretaria de Turismo, e foi coordenador do projeto. Essas entrevistas tiveram objetivo de ouvir suas percepções em relação às expectativas, andamento e as dificuldades do projeto.

Ribeiro (2008, p. 141) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados.

Foram utilizados dois questionários para as entrevistas. O primeiro deles foi realizado com as quatro famílias assentadas, que foram as primeiras a receber as visitas do projeto, com o objetivo de ouvir delas as suas percepções em relação ao projeto e o porquê da sua parada. Já o segundo questionário foi aplicado com o ex-funcionário público, a técnica do SEBRAE e com o coordenador do projeto.

As entrevistas tiveram como objetivo fazer um levantamento com agricultores e agricultoras, funcionários públicos e demais envolvidos, para saber as suas percepções sobre o projeto, para que assim pudesse sintetizar essas percepções e poder entender como se deu o início do projeto, a escolha das famílias, o andamento do projeto e, principalmente, por que ele parou. Abordagem da pesquisa se classificou como sendo qualitativa, onde segundo Gerhardt (2009, p. 31) "[...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc."

Outra ferramenta utilizada na pesquisa foi o acúmulo de conhecimento do pesquisador sobre o local de estudo e sobre o projeto. Isso se dá pelo motivo que o mesmo possui inserção na organização dos assentamentos do município, tendo acompanhado parcialmente o desenvolvimento da dinâmica organizativa da experiência estudada.

Este trabalho estará organizado em forma de capítulos, sendo que no primeiro terá uma revisão bibliográfica, para o entendimento dos conceitos de pluriatividade, turismo, turismo rural, turismo na agricultura familiar e em áreas de assentamento. Já o segundo capítulo é um resgate histórico e uma contextualização do local de estudo. No terceiro capítulo serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, especialmente as percepções dos envolvidos, uma síntese das possíveis causas da parada do projeto e uma tentativa de mostrar alternativas para sua retomada. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## 2. DIFERENTES DEFINIÇÕES SOBRE O TURISMO E TURISMO RURAL

O turismo rural se desenvolve de forma peculiar e particular nas mais diversas regiões. Este capítulo apresenta conceitos de diversos autores que discutem este ramo de atividade.

### 2.1. Pluriatividade e turismo no campo

A mais antiga das definições conceituais aproveitadas sobre o turismo data de 1910 e tem sua autoria atribuída ao economista austríaco Herman von Schullard, apud Andrade (1995, p. 32-33) que compreende o turismo como "[...] a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região. ”

A discussão que circunda a área do turismo cresce significativamente no meio acadêmico, mudando os modos de pensar, analisar e planejar a atividade e, conforme Ramiro (2010, p. 7) “[...] ao mesmo tempo, o turismo expande seu campo de atuação, se apropria de espaços e começa a difundir a outros cenários, como por exemplo, o cenário rural. ”

Essa expansão do turismo para o meio rural traz consigo alterações em diversos aspectos, como, social, econômico e político, proporcionando assim o surgimento de novas atividades. Estas podem estar ligadas direta ou indiretamente a produção agrícola, muitas vezes decorrente da implantação de atividades turísticas. Assim, segundo Schneider (2000, p. 31).

Destaca-se que, nas últimas duas décadas, o meio rural brasileiro vem registrando um aumento de atividades não agrícolas que até pouco tempo eram consideradas marginais, devido à pequena importância na geração de renda. Essas atividades passaram a integrar verdadeiras cadeias produtivas, envolvendo agroindústrias, serviços, comunicações. Entre essas, pode-se destacar o turismo rural como uma das atividades indutora do crescimento de ocupações não agrícolas no meio rural.

De tal modo podemos dizer que essas propriedades, passam de certa maneira a se caracterizarem como um tipo de propriedade com pluriatividade. Tendo como necessidade entender a manifestação dessas atividades não diretamente ligadas a agricultura, ou seja, atividade não agrícola no campo, Fuller e Brun apud Schneider (2003, p.77) diz que;

[...] a pluriatividade, procura enfocar as diferentes atividades e interesses dos indivíduos e famílias que vivem na unidade produtiva. [...] A pluriatividade

implica uma forma de gestão do trabalho doméstico em que o trabalho agrícola encontra-se sempre incluído, podendo não ser, no entanto, uma atividade exclusiva ou mesmo a atividade mais importante.

Já para Alentejano (1999, p. 155).

A pluriatividade envolve a diversificação das formas de organização, com multiplicação de estratégias complementares de reprodução dos agricultores, como o assalariamento urbano, a transformação industrial ou artesanal da produção agrícola, e o desenvolvimento de atividades terciárias (serviços e lazer) na propriedade rural.

Estas mudanças começaram a modificara e redesenhar o meio rural, fazendo assim surgir novas atividades baseadas nos potenciais de cada localidade, entre elas o turismo rural.

## **2.2. Turismo rural e agricultura familiar**

Este trabalho trará elementos de uma forma de turismo específico, que é o turismo rural, sendo esse bastante complexo, pois não é apenas o morador urbano que nos finais de semana e nas férias vai para o campo para relaxar e desfrutar da natureza.

O turismo rural surge no Brasil nos anos 90, como um novo campo do turismo baseado nas dinâmicas do espaço rural. Surge também como uma nova fonte de renda para agricultores e suas famílias.

Conforme Pena et al (2010, p. 8) “As principais motivações do turista que se desloca para áreas rurais podem ser definidas como, a curiosidade ou saudade da atividade produtiva, da natureza ou do modo de vida diferente daquele vivenciado nos meios urbanos das cidades”.

Assim, considera-se o Turismo Rural como:

[...] o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (MTUR, 2010, p. 17).

Além dessa definição de turismo rural, o Ministério do Turismo divide o turismo nos espaços rurais em três grupos e desde aí define as suas atuações como pode ser percebido na figura seguinte.

Figura 1 - Os tipos de turismo no espaço rural



Fonte: Ministério do Turismo (2008, p. 22.)

No quadro 1 se apresenta a definição de turismo no espaço rural e agroturismo, conforme o MTUR (2008).

Quadro 1 – Diferenciação conceitual de turismo no campo

TURISMO NO ESPAÇO RURAL	AGROTURISMO
São todas as atividades praticadas no meio não urbano; que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades com base na oferta: Turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo de negócios, turismo de saúde, turismo cultural, turismo esportivo, atividades estas que se complementam ou não.	São atividades internas à propriedade que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade.

Fonte: Adaptado de MTUR (2008).

Como se percebe são várias as definições e tipos de turismo no espaço rural, mas quando se está falando em fazer um projeto dentro de uma área de reforma agrária é algo bastante interessante, pois não é mencionado nas referidas definições. Pelo contexto do PTRCC poderá ser chamado de um tipo de turismo diferenciado, pois envolve a "valoração social", pois se baseia na economia, nos recursos naturais e culturais do local.

De forma mais específica, o turismo rural na agricultura familiar é destacado no pensamento de Pedron e Klein (2004, p. 96) onde os mesmos dizem que esta modalidade de turismo é:

[...] uma atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que realizam as atividades econômicas peculiares da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar o seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, oferecendo produtos e serviços de qualidade, bem como proporcionando bem-estar aos envolvidos.

Já a agricultura familiar ou agricultor familiar é entendido, segundo Abramovay (2007, p. 3) como.

[...] aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime e muitas vezes tampouco operacional. É perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que estes três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiar) estão presentes em todas elas.

Segundo a Lei no. 11.326/2006, é considerado agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural, possui área menor a quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao estabelecimento e quando o gerenciamento da propriedade rural é feito pela própria família.

O governo federal brasileiro entende que o Turismo Rural na Agricultura Familiar; [...] caracteriza-se pela utilização das atividades produtivas da propriedade como atrativo turístico principal, sob a forma de demonstrações, explicações e vivência das técnicas utilizadas, em que o turista também pode interagir como parte do processo [...] (Brasil, 2004, p.9).

Podem-se perceber grandes potencialidades neste ramo diferenciado do turismo. Sendo assim segundo, Bovo, Logato e Pimentel (2007), as vantagens potenciais do turismo rural na agricultura familiar seriam:

- Revitalização do espaço rural
- Inserção competitiva de pequenas propriedades no mercado;
- Valorização da policultura;
- Emprego de mão-de-obra;
- Recuperação da autoestima;
- Dinamização econômica local;
- Valorização da cultura;
- Preservação do meio ambiente.

Para tanto, tende-se a entender que o turismo rural na agricultura familiar é de extrema importância, pois valoriza as peculiaridades destes locais. Porém, ainda se tem mais recentemente o surgimento de uma nova modalidade de turismo rural, em propriedades familiares em áreas de assentamentos da reforma agrária.

### **2.3. Turismo rural em assentamentos da reforma agrária**

O turismo rural coloca em foco um sentido diferente, que é o de propiciar aos habitantes das cidades opções de lazer e recreação como alternativa de fuga às mazelas da vida urbana. Mas mais que isso, como forma de construção de laços e vínculos que possuem uma dimensão existencial para quem o pratica e o produz. (PENA et al, 2010).

Tal relação, no contexto dos assentamentos rurais, requer uma associação com a dimensão do conflito pela terra, que perpassa a sua realidade. Dessa forma, conforme Pena et al (2010, pag. 7) “[...] o turismo pode se constituir em uma maneira de auxiliar na construção de um meio rural mais justo e democrático, ao passo que sua prática, “despercebida”, possibilita a mudança histórica que se almeja aos conflitos existentes no meio rural brasileiro”.

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização Rural e Agrária (INCRA, 2014, p. 20), “Assentamento rural trata-se de um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA, na qual os trabalhadores rurais residem e trabalham especialmente na agricultura familiar. ”

Segundo Carvalho (1998, p. 25), por assentamento entende-se;

[...] o conjunto de famílias de trabalhadores rurais vivendo e produzindo num determinado imóvel rural, desapropriado ou adquirido pelo governo federal (no caso de aquisição, também, pelos governos estaduais) com o fim de cumprir as disposições constitucionais e legais relativas à reforma agrária.

Também segundo este autor, assentamento representa, portanto, o resultado de um:

[...] determinado processo político-social onde o monopólio da terra e o conflito social localizado pela posse da terra são superados e imediatamente inicia-se um outro: a constituição de uma nova organização econômica, política, social e ambiental naquela área, com a posse da terra por uma heterogeneidade social de famílias de trabalhadores rurais sem-terra [...] (CARVALHO, 1999, p. 15)

Destacasse ainda o documento oficial Brasileiro que define assentamento como:

[...] um conjunto de ações planejadas e desenvolvidas em área destinada a Reforma Agrária, de natureza interdisciplinar e multisetorial, integradas ao desenvolvimento territorial e regional, definidas com base diagnósticos precisos acerca do público beneficiário e das áreas a serem trabalhadas, orientadas para a utilização racional dos espaços físicos e dos recursos naturais existentes, objetivando a implementação dos sistemas de vivência e produção sustentáveis, na perspectiva do cumprimento da função social da terra e da promoção econômica, social e cultural do trabalhador rural e de seus familiares (BRASIL. 2004, p.148)

Contudo estes conceitos de assentamento se diferem de acordo com as ideias de cada autor, como por exemplo, de acordo Martins (2017, p. 165) pode-se compreender assentamento:

Como a expressão de um impasse da luta social. Por um lado, os assentamentos encerram em si a possibilidade de superação das relações de exploração do trabalho assalariado, unindo o homem à terra e nela desenvolvendo o trabalho com sua família, sinalizando também a possibilidade de democratização da estrutura fundiária. Por outro lado, os assentamentos, não conseguiram materializar plenamente suas potencialidades. Isto decorre do fato de os assentamentos não se constituírem como expressão de uma política ampla e massiva de democratização da terra no Brasil[...]. No entanto, o assentamento é expressão de que os trabalhadores do campo se organizaram, lutaram e conquistaram a terra, impondo naquela localidade uma derrota ao latifúndio. É uma conquista da luta política dos trabalhadores e expressão da luta organizada [..].

Além do diferencial do turismo exclusivo na agricultura familiar, o tipo de turismo que estará sendo abordado mais especificamente nesse trabalho é o turismo cultural e comunitário, vinculado aos assentamentos, onde ganha destaque a história da luta pela terra.

O turismo cultura segundo MTUR (2010 p. 15):

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Já Coriolano (2003 p. 41), quando fala do turismo rural de base comunitária argumenta que “[...] é desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida. ”

Neste sentido o Ministério do Turismo (MTUR, 2008, p. 145) entende e conceitua este ramo do turismo como;

O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística.

Se faz necessário o entendimento do turismo em específico o que ocorre em assentamentos. Entender as motivações existentes para o deslocamento dos turistas, para isso Souza e Hespanhol, (2010, p.13) argumentam que;

[...] a própria experiência de vida (por exemplo, a vida no assentamento), o saber –fazer expresso por meio dos alimentos produzidos (doces caseiros, queijos, pães etc.), do artesanato (cestos, bordados manuais etc.) e a própria lida no campo, poderiam se constituir em possibilidades para que os assentados tivessem o turismo como uma alternativa de renda nos assentamentos pesquisados.

Para uma tentativa de conceituar esse turismo, específico realizado em assentamentos, Ramiro e Dias (2011, p.14) dizem que.

[...] o turismo em assentamentos rurais, embora possa abrigar uma multiplicidade de tipologias do mesmo, tendem, devido ao ambiente sócio-cultural e ambiental presentes, à prática da implantação do agroturismo<sup>1</sup>, valorizando assim, o plantio e as criações animais do local. Tal tipologia mostra-se a mais adequada principalmente porque vai de encontro à manutenção da função social da terra, privilegiando a manutenção da produtividade (agrícola e animal) no meio rural.

As autoras ainda dizem mais, sobre o turismo em assentamentos.

A prática do turismo nestes espaços aparece não apenas como uma atividade não-agrícola capaz de gerar renda, mas também como forma de preservar e compartilhar as culturas existentes nesses espaços seja essas, de cultivo e plantio, de festas ou de crenças religiosas. Assim, a atividade turística passa a ser uma ferramenta de contribuição para o desenvolvimento, social, político e econômico desses espaços. Contudo, as realidades que se encontram são um tanto quanto distintas e merecem ser “disciplinadas” para que não haja a apropriação do espaço rural e a exclusão dos próprios moradores (Ramiro e Dias, 2011, p.14).

Com isso pode se entender que o turismo rural em área de assentamento, se diferencia principalmente por trazer um resgate da história de luta das famílias, das conquistas sociais oriundas da reforma agrária. Também percebe-se que este ramo do turismo é diferente por não trazer uma grande preocupação com a infraestrutura modernizada, encontrada muitas vezes no turismo rural mais tradicional.

Baseando-se nestes elementos teóricos o entendimento do termo turismo rural em assentamentos da reforma agrária adotado nesse estudo é compreendido como uma alternativa de resistência das famílias e de todo o assentamento aos dilemas que se apresentam nos últimos anos, tanto ao êxodo rural, principalmente dos jovens,

---

<sup>1</sup> “Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do ‘tempo livre’ das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa.” MTur, 2010

como os da necessidade de mais fontes de renda. Dando um sentido as lutas sociais históricas que caracterizaram a história dos assentamentos.

Nesse sentido, pode se dizer que os assentamentos da reforma agrária de estarem praticando essa modalidade de turismo se dá, por ser mais uma estratégia da viabilização dos assentamentos. Na medida em que os assentamentos da reforma agrária, possuem como objetivo primordial a produção de alimentos, a prática da atividade turística poderá complementar a renda dessas famílias, ao mesmo tempo que ajuda a desmistificar o MST e divulga as experiências bem-sucedidas da reforma agrária.

### **3. CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DE ESTUDO**

#### **3.1. A história do oeste catarinense e de Abelardo Luz**

A região oeste de Santa Catarina sempre foi, uma área de muitas disputas. Em um primeiro momento, ocorreu entre Portugal e Espanha. Num segundo momento, entre Brasil e Argentina. E no terceiro momento, a disputa foi entre os estados de Santa Catarina e Paraná, o que também ajudou a impulsionar, a Guerra do Contestado (1912-1916). Foi só aí então que se definiu que o território pertencia ao estado de Santa Catarina. Porém para manter o território conquistado do Paraná era necessário “povoá-lo”, para isso, foi preciso investir num intenso processo de colonização. (PAIM, 1990).

Mas não bastou definir que as terras pertenciam a Santa Catarina para que elas, realmente, fossem assumidas como tal, segundo Renk (2004, p.2):

A região em estudo passou a ser denominada Oeste Catarinense a partir do Estado Novo. Anteriormente nos mapas constava zona desconhecida, zona despovoada. Ora era o sertão nacional, contrapondo-se aos Campos de Palmas, ora era sinônimo de área inóspita e limítrofe com fronteira internacional em disputa.

A região oeste é a maior em superfície, representando um quarto do território do Estado, também em número de municípios, sendo 118 na região. O Oeste é segunda mesorregião em população, com 1.114.699 habitantes, com uma densidade demográfica de 41 hab./ km<sup>2</sup> estando abaixo da média estadual que é de 56 hab./km<sup>2</sup>.

Por sua vez, a Região Oeste de Santa Catarina está dividida em microrregiões. A microrregião de Chapecó é composta por 38 municípios. É uma região agroindustrial, onde se localizam 7,29% das empresas do estado e que se apresenta como destaque nos setores alimentício, de origem animal, setor metalomecânico, moveleiro, plásticos e turísticos (PAIM, 1990).

Os limites de SC ao oeste do território foram definidos pelo Estado a partir de 1916. Mas somente 20 anos depois é que o governo começou a ser mais agressivo em suas políticas para expansão e organização interna de SC. Isso aconteceu depois que o chamado Território do Iguazu, criado por Getúlio Vargas em 1943 e que compreendia o oeste do estado do Paraná e de Santa Catarina, foi extinto. (PAIM, 1990).

Abelardo Luz integrava o Distrito de Diogo Ribeiro, hoje São Domingos, na antiga Colônia Militar de Chapecó e se chamava Passo das Flores. Esse nome foi

dado pelos tropeiros, impressionados com o intenso perfume das flores do lugar, isso já dava indícios de o lugar seria reconhecido futuramente por suas belezas naturais<sup>2</sup>.

Em 1917 foi alçado à categoria de Distrito (lei municipal n.º 2, de 22/12/1917) recebendo o nome de Abelardo Luz, em homenagem ao filho do então governador do estado, Hercílio Luz. Depois de algumas divisões administrativas feitas pelo estado foi transferido por lei estadual do município de Chapecó para o de Xanxerê (Lei estadual nº 133, de 30/2/1953). Cinco anos mais tarde Abelardo Luz emancipou-se de Xanxerê, sendo promovido à categoria de município.

A região era inicialmente habitada por índios guaranis e caingangues. Por décadas ela foi ponto de passagem e parada de tropeiros e missões de militares, porque Abelardo Luz era caminho obrigatório para chegar à Colônia de Xanxerê. De cidade de passagem de tropeiros e transporte de cargas, Abelardo Luz passou a referência na produção agrícola, mas foi um longo caminho a percorrer.

De maneira geral, a colonização de Abelardo Luz e de todo o oeste catarinense deu-se através das mobilizações do Estado, da igreja e das companhias colonizadoras, com as terras ocupadas pelos índios sendo apropriadas por militares e fazendeiros.

Os índios, que ainda podem ser encontrados na cidade, foram os primeiros habitantes da região e chegaram ao território do oeste catarinense atraídos pela extração da erva mate, madeira e criação de gado. Depois deles, os primeiros a colonizar a região vieram do estado de Minas Gerais.

A primeira família não indígena que se tem notícia foi a de João de Oliveira, que construiu a fazenda Alegre do Marco por volta de 1910, seguida pelas famílias de Messias de Souza e Leocádio dos Santos. No século XX a partir de uma política do então governo de colonizar a região oeste, chegaram à região 1920 descendentes de imigrantes europeus das velhas colônias de São Paulo, Paraná e, principalmente, do estado do Rio Grande do Sul, boa parte deles de origem italiana e alemã. (ABELARDO LUZ, 2017).

Abelardo Luz e todo o oeste catarinense foram se desenvolvendo gradativa e lentamente, sob a influência da migração a que estavam sujeitos, por inúmeros conflitos por terras, pelo próprio processo de integração de povos e em função de certo distanciamento do Estado.

---

<sup>2</sup> No anexo B, pode ser percebido e conhecido os atrativos turísticos do município.

O Município de Abelardo Luz está localizado no Oeste do Estado de Santa Catarina (IMAGEM 2), a uma distância aproximada de 574 km da capital Florianópolis. Estando situado a uma latitude de 26° 33' 53" Sul e a uma longitude 52°19'42" Oeste, em altitude média de 760 metros (ABELARDO LUZ, 2013).

Imagem 2 – Localização do município de Abelardo Luz / Santa Catarina



Fonte: Wikipédia, 2018

#### Os aspectos geográficos de Abelardo Luz

- O município encontra-se dentro da serra geral, pertencente ao grupo geológico denominado São Bento, constituído basicamente por rochas vulcânicas basálticas, possuindo relevo forte ondulado, com terra roxa estruturada.
- Vegetação: a economia do município e da região se baseava bastante na exploração extrativista, de erva mata, pinheiros, etc. esta realidade só foi sendo mudada com a chegada dos sistemas agropastoris, que hoje é presente em boa parte do território do município, com destaque para culturas como, soja, milho, leite, fumo e trigo, além da criação de gado de corte.
- Clima: O clima é mesotérmico úmido com verões quentes e invernos frios, sendo sua temperatura média anual de 18,7 graus centígrados.
- Pluviometria: A precipitação total anual de Abelardo Luz e região são de aproximadamente 1.930mm, com as seguintes distribuições, 26% no verão, 24% no outono, 24% no inverno e 26% na primavera.

➤ Hidrografia: a bacia hidrográfica do município é formada por dois rios, que são denominados Rio Chapecozinho, de tamanho menor e Rio Chapecó, que corta o município, banhando também a cidade. (Abelardo Luz, 2017)

Banhado pelas águas do rio Chapecó, o qual apresenta diversas cachoeiras próximas à cidade, algumas com mais de 20 m de altura, fazendo assim, que estas sejam as principais atrações turísticas do município de pouco mais de 17.000 mil habitantes.

Com 955,37 quilômetros quadrados o município figura como um dos maiores produtores de grãos de Santa Catarina, sendo líder na produção de milho e soja, as duas principais atividades agrícolas, seguidas pelo leite. É nesta terra de solo fértil, reconhecida como a capital nacional da semente de soja, pela alta qualidade e alto índice de germinação dos grãos.

Em Abelardo Luz também fica a maior concentração de assentamento da reforma agrária do sul do Brasil. Segundo dados do INCRA (2011) existem no município atualmente 22 assentamentos, constituídos desde os anos de 1986 a 2000, sendo eles: Papuan I e II, Sandra, Santa Rosa I, II e III, Capão Grande, Volta Grande, Indianópolis, Juruá, Recanto Olho D'água, São Sebastião, Três Palmeiras, 13 de Novembro, Novo Horizonte, José Maria, Bela Vista, Nova Araçá, João Batista, Nova Aurora, Roseli Nunes e Maria Silveston.

Pela produção significativa de Abelardo Luz e por produzir uma das melhores sementes de soja do país, com alto índice de germinação, a cidade recebeu o título de "Capital Catarinense da Soja". Em 2014 a então Presidenta Dilma Rouseff com a lei 12.972/2014, concedeu à cidade o título de "Capital Nacional da Semente da Soja", em função da alta produtividade da semente.

A partir do fortalecimento da economia e o conseqüente crescimento do município, foi lançado um novo olhar sobre Abelardo Luz para valorar os demais atrativos da região e incrementar a atividade econômica. Uma dessas novas perspectivas se abriu através do turismo. Rodeada de belezas naturais, algumas sem similaridade na região, como as quedas do Rio Chapecó, que chegam algumas a 20 metros de altura, campos exuberantes e mata nativa. Abelardo Luz atentou para o turismo como uma alternativa real de ampliação do movimento econômico. (ABELARDO LUZ, 2017)

Esse novo caminho para geração de oportunidades, foi construído sob a perspectiva de geração de emprego e renda, necessidade de qualificação profissional,

a criação de novos equipamentos e a participação dos poderes público e privado, e da comunidade em geral para que possa ser possível conferir um novo status à cidade (ABELARDO LUZ, 2015).

Então, essa é uma oportunidade que exige preparo, organização, planejamento e infraestrutura. Algumas das atrações é a prainha, camping, sete quedas do rio Chapecó, gruta e igreja matriz e chácara Padre Zanatta, conforme a descrição nos anexos.

Em Abelardo Luz a história dos assentamentos tem grande relevância histórica, cultural e agrícola. Nestes últimos períodos se teve a necessidade de atividades não agrícolas<sup>3</sup> para que as famílias possam ter condições de permanecer no assentamento, então no ano de 2016 surge a rota de turismo rural 'CAMINHOS DA CONQUISTA'.

### **3.2. Caminhos da Conquista**

“Caminhos da Conquista” é um projeto turístico no meio rural que tem por diferencial apresentar a agricultura familiar praticada nos assentamentos, mostrando a organização dessas comunidades, ensinando o processo produtivo imprimido pelos assentados, além de permitir a troca de experiências e a integração com os turistas.

O projeto surgiu após uma demanda do governo federal, o qual solicitou que o município montasse o plano municipal do turismo. Este plano deveria trazer uma nova alternativa turística para o município. Foi neste momento que, segundo relato do ex-funcionário da secretaria de turismo, se pensou em aproveitar todo o potencial agrícola do município, criando uma rota, por fazendas e unidades armazenadoras de grãos, rota esta que teria um caráter mais científico.

No entanto o planejamento não teve continuidade, devido ao não interesse dos proprietários das fazendas e das unidades armazenadoras. Então segundo as informações obtidas através do mesmo ex-funcionário da secretaria do turismo, essas pessoas afirmaram que não poderiam estar recebendo um número de pessoa muito grande em seus estabelecimentos, pois este fato poderia estar prejudicando a qualidade de seus produtos.

[...] ai foi pensado muito na área agrícola, porque a área agrícola aqui é forte e o turismo rural seria o foco principal, mas no primeiro momento foi pensado

---

<sup>3</sup> Para ser considerada pluriativa, uma unidade de exploração familiar deve ter algum membro da família envolvido em atividades não agrícolas, e ao mesmo tempo, manter o trabalho agrícola Fuller e Brun apud Schneider (2003, p.77).

no turismo científico, turismo de aventura, turismo científico, turismo de eventos que os já tinha os eventos no município e também aí foi pensado no turismo rural, devido a não aceitação do científico, que dependia de grandes produtores, pra entra na propriedade deles, eles são mais fechados não deixavam por que ia ter bastante gente lá ne, ia ter que virar uma fazenda modelo, e o pessoal não gosta muito de abrir pra muita gente, 4 ou 5 beleza, mas muita gente não dava. (Ex-funcionário público. 2018).

Foi aí então que, segundo o mesmo entrevistado, se pensou em uma nova alternativa para o plano municipal de turismo, aproveitando outro diferencial de Abelardo Luz, que foi e ainda são os assentamentos. Neste momento surge a ideia de um projeto de turismo rural, que mais tarde foi denominado, CAMINHOS DA CONQUISTA.

[...] aí foi conversado com o SEBRAE, daí veio a ideia do turismo rural, devido ter o assentamento, onde mora 1500 famílias, e começamos a desenvolver o turismo em si, sentamos com as famílias, foram feitas várias reuniões, vários projetos, vários cursos com as famílias [...] (ex-funcionário público. 2018).

A criação de uma Rota de Turismo Rural em assentamentos se deu pela qualidade e o ineditismo dessa oferta na região e no estado de SC. Existem em Abelardo Luz assentamentos bem estruturados e uma condição muito positiva das famílias de assentados, que praticam a agricultura com êxito, produzindo na terra todo o necessário para uma justa condição de vida.

Esse ineditismo trouxe de imediato muitas vantagens sobre outros destinos rurais. Entre elas se tinha a possibilidade de vivenciar no campo atividades relacionadas ao turismo pedagógico, com a produção de hortaliças e a criação de pequenos animais, o histórico e cultural através da história do Movimento Sem Terra na cidade e a efetivação do primeiro projeto de Reforma Agrária do país. Assim como o conhecimento sobre o modo de vida e de produção dessas famílias, num contexto que tem capacidade de interessar crianças, jovens, adultos e a terceira idade.

Outro fator muito positivo é que a criação dessa Rota trouxe diversificação aos atrativos turísticos de Abelardo Luz, oportunizando maior tempo de visitação à cidade e, este desde seu início cumpriu seu papel de oferecer aos agricultores uma renda complementar à atividade no campo.

O projeto exigiu um grande esforço de estruturação que contou com o envolvimento de todo o grupo de assentados, da prefeitura, dos técnicos e dos parceiros envolvidos. Foram muitas horas de consultoria, visitas nas propriedades, reuniões de alinhamento, diagnósticos, criação de um planejamento estratégico, construção dos princípios que iriam nortear o trabalho, das regras, manuais e roteiros.

Para a formulação do projeto, houve o envolvimento da prefeitura de Abelardo Luz, do SEBRAE e das famílias assentadas. Com isso se levantou as prioridades, como por exemplo, as benfeitorias que deveriam ser feitas nas propriedades, como; limpeza, organização do museu, qual contaria parte da história dos assentamentos e o local para a realização das refeições.

O grupo de famílias assentadas envolvida no projeto recebeu capacitação, participou de palestras, aprendeu nas viagens técnicas a outros municípios e integrou-se em mutirões de limpeza e organização das propriedades. Graças à organização demonstrada teve como resultado uma grande procura, para o seu curto tempo de existência.

O trabalho também envolveu a criação de peças promocionais como folder, selos, site, banners e uniformes. Foram mais de 500 visitas em menos de seis meses, atraindo pessoas da comunidade e de outros estados, permitindo novos investimentos na melhoria de algumas estruturas (SEBRAE, 2017).

Para a organização das famílias, divisão de tarefas e apontamentos para os próximos passos, eram realizadas as reuniões, onde as famílias traziam as suas percepções sobre as atividades realizadas. Estas reuniões eram coordenadas pelas técnicas do SEBRAE e pelo funcionário da prefeitura, que era responsável pelo agendamento das visitas.

O projeto estava baseado no histórico da região, principalmente da luta pela terra iniciada em 1985, e com o objetivo de mostrar a verdadeira realidade dos assentamentos de Abelardo Luz. A integração ao projeto representava um envolvimento em um novo e desafiador processo que se apresentava como uma estratégia de empoderamento ainda maior do espaço de convivência e de produção dos assentados, que passa também a ser reconhecido como espaço de integração, difusão de conhecimentos, construção e valorização de saberes, de resgate e de histórico cultural.

A Rota era uma grande e nova oportunidade de desenvolvimento através da atividade turística. Mas muito além do fator econômico que diversificava a oferta do campo para o visitante, e se constitui numa fonte alternativa de renda para o agricultor, PTRCC abriu o caminho para o entendimento sobre a história de luta das comunidades, para trazer um novo olhar sobre o MST e, especialmente, para aproximar realidades e histórias de vida muito diferentes.

Percebe-se que o PTRCC gerou uma nova oportunidade de fazer história e de contar a jornada de luta às gerações que não vivenciaram esse momento tão importante. Foi uma construção conjunta, curiosa e criativa, que permitiu a liberdade das famílias em expressar a realidade de quem são, por que vieram e por que estão ali.

Os principais objetivos e princípios do projeto eram, (PTRCC, 2015):

- Preservar, identificar, proteger e promover um patrimônio histórico cultural;
- Fortalecer a identidade dessas comunidades e do próprio Movimento Sem Terra;
- Democratizar a informação sobre os Assentamentos;
- Promover o direito à memória dos cidadãos, preservando e difundindo os acervos museológicos, bibliográficos, documentais e arquivos relacionados aos assentamentos e todo o processo de reforma agrária em Abelardo Luz;
- Tornar-se uma estratégia de desenvolvimento de pequenos agricultores, motivando a geração de emprego e renda no campo;
- Atrair e motivar demanda para a atividade turística no meio rural;
- Ampliar e modernizar as instituições e redes a serviço da promoção da cultura, da memória e dos saberes;
- Promover a cidadania, a diversidade das expressões culturais e o acesso ao conhecimento.
- Desenvolver uma imagem positiva dos Assentamentos e Assentados perante a comunidade de Abelardo Luz e os demais públicos externos.

Foram estabelecidas algumas regras e normas para o estabelecimento do projeto. Essas iriam nortear as ações e dariam autonomia para o Conselho Organizativo, para a tomada de decisões. Este conselho era responsável por toda coordenação do projeto e foi formado por: técnica responsável (SEBRAE), técnica de apoio (SEBRAE), responsável poder público municipal e o coordenador da rota caminhos da conquista, que era o representante das famílias e do MST. Este conselho se reuniria a cada 6 meses para avaliar o andamento do projeto, além disso estabeleceu algumas regras, que são apresentadas nos anexos deste trabalho.

Essas regras serviram para orientar na organização e desenvolvimento do projeto, deixando claro para as famílias e para os visitantes os principais objetivos da rota, tinham também como objetivo oferecer aos agricultores (as) condições destes para a comercialização dos seus produtos ou no máximo produtos de vizinhos, mas que também fossem assentados.

Também foram elencadas as responsabilidades do conselho, as quais iriam garantir o funcionamento de forma organizada. Conforme relatório da primeira reunião do Conselho do PTRCC (2015), as regras eram:

- Oferecer assistência técnica para estruturação e manutenção das propriedades rurais;
- Monitorar a implantação e o andamento do projeto (incluindo impactos nas propriedades rurais)
- Elaborar relatório trimestral propondo sugestões de melhoria para cada propriedade;
- Realizar ações para promoção da Rota;
- Organizar os agendamentos;
- Fazer a gestão do Fundo;
- Buscar a garantia da infraestrutura básica para execução do projeto;
- Monitorar as estruturas de uso comum e viabilizar a manutenção das mesmas;
- Fazer a gestão dos espaços de uso comum;
- Elaborar pesquisa de satisfação;
- Monitorar e quantificar o fluxo turístico;
- Buscar parcerias para aperfeiçoamento constante da Rota e dos agricultores participantes.

A escolha das famílias de assentados que iriam integrar inicialmente o projeto se deu a partir de um levantamento feito pelos organizadores, SEBRAE e Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo e parceria com coordenadores do MST.

Teve como critério principal para a entrada no projeto, que as famílias que fossem receber as visitas tivessem vivenciado todo o processo de construção do assentamento, desde a fase de acampamento, o que daria uma bagagem histórica e de maior pertença à organização.

Além da pertença histórica, outro critério utilizado seria analisar dentre estas famílias as quais já tinham as mínimas condições para estar recebendo os visitantes, seja por já terem uma estrutura de acolhimento ou por ter uma forma de organização da propriedade.

Também foram considerados os sistemas produtivos, ou seja, a produção deveria ser realizada sem a utilização de agrotóxicos, pois era um dos objetivos também do projeto mostrar que existem alternativas para a agricultura convencional. Essa questão poderia ser garantida e assegurada já que no momento das visitas os turistas estariam conhecendo todo o sistema produtivo e participando deste processo.

A Rota de Turismo Rural envolveu inicialmente 12 famílias e foi construída somente em propriedades de assentados. Por isso, a proposta era contar a história do MST em Abelardo Luz, resgatando e, em alguns momentos, até reconstituindo a história do MST, constituindo-se também em um roteiro histórico e cultural, além da valorização dos meios produtivos e dos modos de produção de cada família.

O quadro a seguir relaciona as famílias que foram convidadas a participar do projeto e o que cada uma estaria oferecendo nas visitas.

Quadro 2 - Famílias participantes e o enfoque da visita:

<b>Isair Lavratti</b>	Sistema de produção de Bovinocultura de leite
<b>Altair Lavratti</b>	Produção de doces e compostas
<b>Talemio Lavratti</b>	Estruturação para servir refeições
<b>Romilda L.B. da Luz</b>	Produção de hortaliças
<b>Maria Lucia Mossi</b>	Produção de hortaliças
<b>Roberto Mossi</b>	Produção de morangos
<b>Gilmar de Mello</b>	Construção de moinho de fubá e beneficiamento de milho e arroz
<b>Arlindo Kuhn</b>	Pomar de frutas
<b>Tonimar Kuhn</b>	Produção de mudas frutíferas e nativas
<b>Ivar Visoli de Mattos</b>	Sistema de criação de aves
<b>Jose de Oliveira</b>	Piscicultura, produção para a Merenda Escolar e chás
<b>Odair José da Costa</b>	Hortaliças e grãos

Fonte: SEBRAE, 2017.

Nas propriedades os visitantes tiveram a oportunidade acompanhar o dia a dia desses agricultores, partilhar algumas vivências como plantio, colheita e a retirada de leite, por exemplo, além de saborear as delícias que são produzidas por cada família. As opções eram variadas: produção de leite, de hortaliças, ervas medicinais e aromáticas, moinho de farinha, produção de mudas frutíferas e nativas, aves, cana de açúcar, peixes e pequenos animais.

Ao mesmo tempo era possível visitar um memorial com exposição de objetos antigos e painéis que retratavam parte da história do MST, reproduzindo inclusive os primeiros barracos utilizados durante a ocupação, o jipão<sup>4</sup> construído para produção

<sup>4</sup> Fogão a lenha construído de forma artesanal.

de alimentos e a cama de bambu, tudo acompanhado pelas histórias de vida e de luta pela terra.

Uma das principais características da região da rota é a grande produção de grãos, de leite e de hortaliças, por exemplo. Esses fatores também foram usados como atrativos para os visitantes, mostrando que pequenas propriedades podem e são bastante viáveis. Vale destacar neste sentido da produção agrícola, o trabalho familiar, de subsistência e da busca de uma agricultura sustentável<sup>5</sup>.

Imagem 3 – logomarca da PTRCC



Fonte: Abelardo Luz, 2015

---

<sup>5</sup> Agricultura Sustentável pode ser definida como uma agricultura ecologicamente equilibrada, economicamente viável, socialmente justa, humana e adaptativa (Reijntjes et al., 1992).

#### **4. OS OLHARES SOBRE O PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA**

Com base nas entrevistas realizadas com os mais diversos atores envolvidos, desde a elaboração do projeto até os primeiros passos, nesta parte do trabalho estará sendo apresentadas as percepções destes em relação ao projeto “Caminhos da Conquista”.

Em 2016 somaram-se seis meses desde às primeiras visitas até a última visita, mais de 500 pessoas passaram pela rota caminhos da conquista. Um sucesso repentino e uma parada brusca. Entender como o projeto funcionou a partir das percepções dos atores envolvidos é fundamental no enfrentamento e na luta pela emancipação<sup>6</sup> das famílias assentadas na região dos assentamentos em Abelardo Luz.

Nesta seção estará sendo apresentada uma síntese das percepções dos diversos atores do projeto caminhos da conquista, trazendo um panorama do porquê da decisão de entrar no projeto, as suas ideais e seus anseios, além de possíveis saídas e alternativas para o projeto, que atualmente encontra-se parado.

##### **4.1. As percepções dos envolvidos**

Pode-se perceber no relato das famílias, que havia uma grande vontade de apresentar as suas histórias, suas memórias, os fatos marcantes dos mais de 30 anos da história de luta pela terra no município.

Como estas famílias haviam vivenciado os períodos históricos, desde os acampamentos, até a instalação e estabilização do assentamento, as mesmas queriam mostrar, provar e qualificar o assentamento como uma alternativa de vida, simples, viável e de qualidade de vida para as famílias.

O que segundo as próprias famílias contribuiu muito para a tomada de decisão se entrariam no projeto ou não, foram os treinamentos realizados pelo SEBRAE. Essa entidade e a Prefeitura Municipal foram fundamentais para a realização do projeto.

Estes treinamentos foram importantes, pois apresentaram as famílias formas de como fazer a acolhida dos turistas, da organização dos espaços a serem visitados entre muitas outras coisas.

---

<sup>6</sup> Emancipar, tornar-se independente ou libertar-se, de acordo com o dicionário *Houaiss*. Emancipar ou emancipação também podem ser lidos como autonomia, do grego *autonomos*, uma junção de *auto* (próprio) e *nomos* (lei).

Imagem 4 – organização e treinamento do grupo

## Orientações e organização do grupo



Fonte: SEBRAE, 2017.

Embora tivesse os treinamentos, percebia-se no início um grande medo por parte das famílias. Pois se tinha em mente a forma de turismo tradicional ou convencional, realizado em hotéis fazenda, pousadas, ou com uma infraestrutura já bem mais aperfeiçoada, feito principalmente por pessoas com uma melhor condição financeira.

As incertezas em relação a construção do projeto se davam principalmente na questão das instalações e na infraestrutura de hospedagem. Como relata a técnica do SEBRAE.

[...] com o objetivo de se superar este medo foram realizadas algumas visitas com as famílias que iriam integrar o projeto a locais onde se tinha projetos de turismo parecidos com o que estava sendo planejado para Abelardo Luz, para que com isso as famílias pudessem perceber que não iria haver nenhuma coisa de outro mundo nas estruturas de acolhimento. Se trabalharia com o que tinha e se organizaria o que já era disponível em cada propriedade. (Técnica do SEBRAE. 2018)

Neste sentido ainda havia uma grande expectativa por parte das famílias, para mostrar aos visitantes a sua forma de vida e as coisas boas do assentamento. Apesar das incertezas a decisão em entrar no projeto se deu por diferentes motivos. Mas o

que pode se perceber na sua grande maioria era a vontade de valorizar a sua própria história, como pode ser percebido nos próprios relatos dos agricultores e agricultoras.

[...] foi aqui onde tudo começou, a questão da luta pela terra [...] era uma oportunidade de mostra como era e de hoje como que está, então a gente se animou a chama todo mundo para ver, por que o que a mídia mostra é uma coisa, mas quando se vem aqui ver é muito diferente, é só vindo aqui conhecer. (Agricultor 1. 2018).

Em 25 de maio de 1985, quando no momento da ocupação, os funcionários da fazenda atearam fogo na ponte que dava acesso a propriedade, neste momento as mulheres desceram dos caminhões e apagaram o fogo, podendo assim ocorrer a ocupação, fazendo com que este momento ficasse marcado na história do MST.

Fotografia 1 - Ponte símbolo do movimento de ocupação e Monumento em Homenagem a Ocupação do MST, em 1985.



Fonte: álbum do autor, 2018.

Um fato marcante constatado durante a pesquisa é o que foi dito pelo ex-líder do MST e também participante da rota, que participou do processo de ocupação em Abelardo Luz. Ele explica um dos símbolos e atração da rota, presente em grande parte dos assentamentos e comunidades, que fez parte da vida das pessoas, e das comunidades, este que ainda pode ser visto em vários lugares, com diferentes formas, mas que todos têm o mesmo sentido, segundo ele para a comunidade representa e

significa morte e vida o *forno de carvão*<sup>7</sup> (fotografia 20 – anexo B). “Morte porque representa a época de ocupação com muitos confrontos e vida porque através do carvão que era produzido ali dava o alimento para todos” (agricultor 2. 2018).

Um dos maiores desafios ficou por parte da família Lavratti, já que os mesmos ficaram responsáveis pela questão das refeições, que no caso seria um café colonial, panificados, produção de doces e compotas e pela organização de um museu, o qual contaria a história das famílias e principalmente do movimento (MST) em Abelardo Luz.

A família já trabalhava de forma coletiva<sup>8</sup>, o que segundo eles facilitou na realização das atividades necessárias. Outra questão bastante importante que levou a família a aceitar o desafio, foi segundo eles mostrar a sua história como pode ser percebido quando o agricultor afirma que;

[...] o intuito de se construir o projeto era de mostra a nossa história, a nossa caminhada até aqui, isso também contribuía para melhora o bem-estar de cada família nossa aqui [...] mostra como é a nossa vida, por que tem muita gente que não conhece, daí ficam falando mal da gente (agricultor 3. 2018).

Outro ponto que foi bem importante segundo os relatos, era da organização para a realização das atividades. Os mutirões<sup>9</sup> eram fundamentais para a realização das atividades prioritárias, além de que estes reviviam nas famílias as memórias dos tempos de acampamento.

Esses mutirões além de facilitar o trabalho, fortalecia a ideia do trabalho coletivo, da ajuda mútua e a cooperação, isso que nos acampamentos era bem forte e que com o assentamento isso foi se perdendo, passando a ser cada um por si (agricultora 1. 2018).

---

<sup>7</sup> O forno de carvão teve uma importância fundamental para uma boa parcela das famílias no início do assentamento, pois representava a primeira fonte de renda para as mesmas, era feito o aproveitamento da madeira que tinha em abundância nos lotes. Isso fez com que permanência destas famílias no assentamento fosse garantida através desta o aproveitamento da madeira que tinha em abundância nos lotes. Isso fez com que a permanência destas famílias no assentamento fosse garantida através desta atividade.

<sup>8</sup> A família é composta por três irmãos que desde que receberam os lotes trabalham juntos, em três lotes, onde trabalham com produção de leite e grãos, dividindo as tarefas, despesas e lucros.

<sup>9</sup> Mutirão é uma forma de trabalho simples, de cooperação, entre pessoas ou famílias para a realização de uma determinada atividade. É uma forma de ajuda mútua, este tipo de trabalho é presente nas mais diversas localidades e períodos históricos, não se tem uma remuneração econômica para a atividade remunerada, mas tem sim um compromisso moral para “devolver o serviço” (Batista et al, 2008, p. 169)

Imagem 5 – trabalho coletivo

## Mutirão propriedades participantes da Rota



Fonte: SEBRAE, 2017

Percebe-se aí algo que se tinha como fundamental no projeto, que era o resgate da história regional.

[...] o projeto era uma oportunidade de as pessoas conhecerem como os assentamentos são de verdade, como vivem as famílias assentadas, pois tem bastante gente que ainda pensa que todos moram em barraco de lona preta (ex-funcionário público. 2018).

Vivenciando esta realidade dos assentamentos, os visitantes estariam superando os seus preconceitos com os assentados ou “acampados” como normalmente as famílias são chamadas.

[...] as visitas oportunizavam que as pessoas conhecessem a verdade de como vivemos, teve uma vez que uma moça, da universidade de Florianópolis, quando chegou aqui falou: *meu deus, eu pensava que aqui era igual passa na TV, só tinha barraco, cheio de criança e cachorro em roda* (agricultor 1. 2018).

Um desafio, percebido e enfrentado pelas famílias do projeto, foi em relação às famílias assentadas que não estavam participando e não conheciam como se deu a organização do mesmo. Assim, por vezes, segundo as próprias famílias, se ouviu muito, [...] *“ah eles só tão fazendo isso por que vem dinheiro do governo”* [...], fato esse que de acordo com os entrevistados não condizia com a realidade, já que não se teve nenhum tipo de financiamento público para a realização das benfeitorias e das melhorias nas propriedades.

De acordo com as famílias, as melhorias nas propriedades foram de responsabilidade de cada família, assim estas eram realizadas pelas próprias famílias com uso de recursos próprios, com trabalho coletivo, tendo apenas a contribuição da prefeitura quando se fazia necessário o uso de máquinas.

Imagem 6 – obras realizadas

## Melhorias Realizadas

### Poder Publico



### Propriedades



Fonte: SEBRAE, 2017.

Visto como um ponto de muita importância e como algo que valorizava ainda mais, não só a rota, mas toda a região foi a parceria realizada com o Hotel Quedas, hotel esse que é destaque em toda a região.

Entre os pacotes de hospedagem oferecidos pelo hotel, se construiu a oportunidade de conhecer os assentamentos. No roteiro os hóspedes tinham a oportunidade de conhecer a história local, conhecer o modo de vida, realizar refeições com alimentos caseiros e principalmente quebrar seus preconceitos para com os assentados.

Essas parcerias também eram realizadas com grupos específicos. Por exemplo, com o grupo de ciclismo, que realizavam a rota de bicicleta, aproveitando para conhecer os assentamentos. O passeio era organizado para que os ciclistas pudessem fazer uma parada, para poder degustar um saboroso café colonial e poder conhecer através das histórias, como se deu o processo de formação dos assentamentos.

Fotografia 2 – visita do grupo de ciclismo



Fonte: Lavratti. (2016).

Ainda vale destacar que, de acordo com os agricultores, havia ainda uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que organizava diversas visitas com crianças da rede municipal de ensino. Segundo relato das famílias era muito gratificante ver a alegria das crianças nas visitas, ao conhecer os animais, poder brincar e tocar na terra.

Fotografia 3 – Passeio de trator com crianças da rede municipal de ensino.



Fonte: Lavratti. (2016)

Além da valorização da cultura, da história e da luta pela terra na região, o projeto visava valorizar a produção de alimentos por parte das famílias, mas para isso deveria se investir na produção orgânica, já que era acordado entre organizadores, movimento e famílias, que nas propriedades visitadas não poderiam fazer uso de nem um tipo de agrotóxicos nos sistemas produtivos, para que futuramente além de transformar as propriedades de visitação, elas fossem também propriedades agroecológicas. Porém pouco se observou de efetivo neste sentido, mas pode se perceber a vontade das famílias em concretizar esta transformação.

Para os entrevistados as visitas foram importantes pelo reconhecimento, pela quebra de preconceito e para auto estima das famílias, pois a remuneração não foi muito significativa, pois além do valor ser pequeno nas primeiras visitas, de R\$ 5,00 a R\$ 10,00.

#### **4.2. Causas da estagnação**

A partir dos relatos das famílias, aqui estará sendo feito uma análise das percepções em relação a estagnação do projeto caminhos da conquista e apontamentos para a sua possível retomada.

Desde o início da realização do projeto as famílias já puderam perceber diversas dificuldades, como por exemplo, estradas de má qualidade, infraestrutura de hospedagem, treinamento dos agricultores para o recebimento das visitas e também a divulgação. Mas estes primeiros desafios foram superados com o trabalho conjunto das famílias, do apoio técnico do SEBRAE e da prefeitura municipal.

Das propriedades que receberam as visitas, as mais próximas ficam a cerca de 20 km da cidade, isso segundo os agricultores foi uma dificuldade muito significativa. Segundo os entrevistados, tinham as visitas, que eram de alunos das escolas, essas eram trazidas pelo transporte da prefeitura. Porém tinham os visitantes que vinham por conta própria. Como as estradas são de chão, quando chovia ou mesmo com tempo bom, ficavam bem ruins, isso era causa de reclamações, até mesmo motivo para que as pessoas não voltassem mais.

A distância da cidade foi vista como uma dificuldade, mesmo antes da efetivação do projeto, porém segundo os agricultores houve um comprometimento por parte da administração municipal, que garantia a manutenção e revitalização das estradas. No entanto as promessas não foram cumpridas, o que prejudicou bastante a continuidade das visitas.

Este tipo de projeto não pode ficar isento de questões políticas, mas tem que ser desvinculado dos interesses pessoais e partidários. Pois o objetivo é atender toda a comunidade que tenha interesse em conhecer a história das pessoas, das lutas e de como se deu a construção dos assentamentos e das famílias que lá estão. Mas como as visitas ocorriam onde também é considerado berço da luta pela terra, onde ocorreu uma das primeiras ocupações pelo MST, foi bem difícil disso acontecer.

Segundo o relato das próprias famílias, o fato que prejudicou bastante o andamento do projeto, foi que, no período eleitoral, aconteceu um envolvimento direto de alguns integrantes da rota com o pleito eleitoral do ano de 2016. Na oportunidade ocorreu a candidatura do responsável pelo agendamento das visitas a vereador do município de Abelardo Luz, sendo o mesmo sobrinho de um dos candidatos a prefeito nesse mesmo pleito, o qual também era integrante da rota.

O desfecho do período eleitoral se deu com vitória de candidatos contrários aos candidatos que eram ligados a rota. Sendo assim houve a troca na administração municipal, substituição dos integrantes das secretarias municipais, exemplo a da Secretaria do Turismo. Ocorreu a saída das pessoas responsáveis e que representavam o projeto junto a prefeitura, o que causou falta de acompanhamento e principalmente a quebra das parcerias que se tinha com entidades, como o Hotel Quedas e com o SEBRAE.

Tinha-se a ideia de que o MST também pudesse fazer parte da organização do projeto, já que um dos objetivos era contar a história da luta pela terra no município, e este foi o movimento responsável por este acontecimento, mas devidos as disputas políticas ouvi um afastamento e distanciamento, de ambos os lados, tanto das famílias, como da direção do MST.

Outro elemento importante para a estagnação do projeto foi o medo. Pois este pode ser verificado na fala de grande parte das famílias. Como pode ser constatado no trecho de uma das entrevistas.

[...] nós não sabíamos muito bem o que fazer, pois ainda não tinha experiência e também porque nos tinha medo, não sabia se iria continuar dando certo, faltou um pouco de coragem e organização nossa para que o projeto continuasse (agricultora 1. 2018)

E este sentimento esteve presente desde o início do projeto “[...] nosso maior medo no início do projeto era de não dar certo, de não ter continuidade, medo esse que acabou acontecendo.” (Agricultor 3. 2018).

Ainda neste sentido, segundo as famílias que estavam responsáveis para servir as refeições avia um grande medo, quanto a satisfação dos visitantes, medo de que apesar de todo o trabalho e cuidado com o preparo, não estivesse no gosto das visitas. E isso foi um limitante pois não se aumentou a oferta do serviço de alimentação, o qual poderia ter dado um salto de qualidade e de atratividade ao PTRCC.

Assim, o medo, a falta do apoio público, sem recursos financeiros, sem acompanhamento técnico e sem a estrutura bem consolidada da organização coletiva, o projeto foi parando aos poucos, até sua estagnação.

#### **4.2.1. Novas alternativas**

Durante os seis meses em que o PTRCC estava em andamento, as famílias se mostraram muito confiantes, seja pela alta procura de visitantes, seja pela autoestima que havia sido renovada, pelo sentimento de reconhecimento que se tinha após cada visita.

Porém, a partir do momento em que as famílias perceberam que o projeto havia parado, as mesmas se questionavam do que poderia ser feito para que o projeto fosse retomado, já que era visível que o consideravam um sucesso e o quanto era importante como mais uma ferramenta de luta e de resistência dos assentados.

Foi percebido durante a realização do projeto o quanto era importante os mutirões, assim uma das primeiras ações que poderiam ser tomadas, ou retomadas pelas famílias seria sua organização, através do trabalho coletivo.

Assim, além de facilitar o trabalho as famílias organizadas poderão cobrar do poder público apoio nas suas ações, além de facilitar o trabalho e a organização das atividades relacionadas às visitas. Aí reside a importância dos trabalhos coletivos, para agilizar o trabalho e diminuir custos para a realização dos mesmos.

Outra saída é a diversificação das atividades produtivas e as fontes de renda, maximizar esta é de muita importância, pois de acordo com Fuller (1990, p. 367)

A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam o trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar (*home based farming*). [...] A pluriatividade permite separar a alocação do trabalho dos membros da família de suas atividades principais, assim como o trabalho efetivo das rendas. Muitas propriedades possuem mais fontes de renda do que locais de trabalho, obtendo diferentes tipos de remuneração. A pluriatividade, portanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécie e transferências).

Este trabalho organizado dará autonomia para as famílias, para que as mesmas possam estar investindo cada vez mais na melhoria e na qualificação da rota turística, já que é bem difícil o financiamento público para a construção de instalações e para a melhoria das existentes. Aponta-se, portanto, para a retomada do projeto, a união no trabalho e a ajuda mutua das famílias para facilitar este grande entrave.

Outra iniciativa bastante importante está relacionada a divulgação da rota, através da elaboração de matérias que tragam como foco central o interesse com a cultura, história e conquistas sociais da região. Nisso uma ferramenta importante são as mídias de comunicação, como, *WhatsApp, Facebook, Twiter*, entre outros, pois a divulgação é fundamental, fotos, vídeos, depoimentos de agricultores, isso tudo com o intuito de despertar a curiosidade, assim atraindo os visitantes.

A retomada do projeto é a vontade de todos os envolvidos, pois se pode constatar com as visitas uma satisfação muito grande, tanto por parte dos turistas que descobriam coisas novas, superam preconceitos e desmistificam o conceito de assentamento que tinham através dos meios de comunicação.

[...] a avaliação é muito positiva, pois a gente pode mostrar como é nossa vida aqui no assentamento, pena que parou [...], mas é claro que se tem uma viabilidade muito grande se o projeto retornar, pois se percebeu a alta procura para conhecer os assentamentos, e com certeza se o projeto volta, essa procura continuará sendo alta (ex-funcionário público, 2018)

Ainda nesse sentido;

[...] projeto era bom, por que é muita gente que veio aqui, e viram que a realidade que eles ouviram e viram na TV não tinha nada ver [...] pensavam que aqui só tinha barraquinho [...] caíam de costa, quando viam as estruturas, e isso não é só aqui é em os assentamentos, pois quando eles andavam por aqui, viam isso, então tem o lado bom (agricultor 1, 2018).

Como alternativa de aproximar a rota Caminhos da Conquista da população, principalmente a do próprio município, poder ia-se organizar uma feira na cidade, com produtos exclusivos das propriedades incluídas na rota, com uma marca desta, pois como já é um dos critérios das famílias para participar da rota, a produção de alimentos sem uso de agrotóxico, os integrantes da rota poderiam comercializar está produção.

Como alternativa de aproximar a rota Caminhos da Conquista da população, principalmente a do próprio município, poder ia-se organizar uma feira na cidade, com produtos exclusivos das propriedades incluídas na rota, com uma marca desta, pois como já é um dos critérios das famílias para participar da rota, a produção de alimentos sem uso de agrotóxico, os integrantes da rota poderiam comercializar está

produção. De tal modo, além da renda obtida com as visitas, as famílias teriam outra fonte de renda, oriunda das vendas na feira. Além disso, a feira daria a oportunidade de conversar e apresentar a rota para quem faz a compra dos produtos. Isso tem um grande potencial de ter sucesso, pois representa um dos conceitos e preceitos mais claro de feira, como dizem Boechat e Santos (2009, p. 7):

[...] as feiras consistem em um local de relação social, um espaço de trocas de saberes e de hábitos culturais, como Bourdieu (1989), onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através de trocas, aprendizagens e obtenção de novos saberes e experiências vividas pelo outro.

Do mesmo modo o PTRCC, pode ser uma saída viável para alguns dos dilemas da vida das famílias assentadas, tendo reflexo em diferentes aspectos, como o econômico, cultural, social e ambiental. No aspecto econômico, a inserção da atividade turística na agricultura familiar pode aumentar a renda, principalmente com a comercialização de produtos feita diretamente ao consumidor/turista, assim as famílias poderão fazer o beneficiamento de produtos na propriedade, dando um diferencial ao turista, que vai consumir produtos de qualidade.

Já no aspecto cultural, o turismo possibilita a valorização da agricultura familiar, uma vez que a sua cultura se torna o próprio atrativo turístico, com efeitos diretos no aumento da autoestima dos agricultores e agricultoras. No aspecto social se reflete na dinamização da cultura rural, da necessidade de os agricultores familiares manterem sua identidade e autenticidade, pois a valorização da história de lutas e a conquista do assentamento não se desvincula das famílias.

Quanto aos aspectos ambientais, o PTRCC visa o uso sustentável dos recursos naturais, sua preservação, conservação e recuperação, visto que tais recursos passam a constituir atrativos turísticos. O ambiente também passa a ser beneficiado com a produção agroecológica, que contribui para a qualidade de vida dos agricultores e dos visitantes.

Nisso se faz necessário uma ressalva para a Lei nº 13.171, de 21 de outubro de 2015, que incluiu no rol de atividades rurais a possibilidade de exploração do turismo rural como auxílio à exploração agro econômica. Essa medida garante que se tenha uma atividade e empreendimentos turísticos em áreas rurais sem a cobrança de tributos, e isso também é uma garantia e um incentivo para este tipo de atividade.

Também neste contexto se faz necessário uma busca pelas alternativas trazidas no plano nacional de turismo 2018/2022, para o incentivo a este tipo de

projeto, já que o plano traz como ponto central o aumento dos recursos destinados ao turismo a nível nacional.

É nesse contexto que se propõe promover a valorização do patrimônio cultural e natural para visitação turística, estimular o desenvolvimento de destinos turísticos inteligentes, desenvolver, de forma segmentada, os produtos turísticos brasileiros; e promover algumas estratégias para aprimorar a oferta turística nacional nos próximos anos. (PNT, 2018).

Baseando-se nas entrevistas, conversas e observações, se percebe uma grande viabilidade no projeto, e na sua retomada, em função da disposição e na vontade das famílias. Para isso é fundamental a organização das mesmas, contribuição do poder público e uma busca de apoiadores e uma retomada das parcerias

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo central analisar as percepções das famílias e outros atores envolvidos no Projeto de Turismo Rural Caminhos da Conquista, no município de Abelardo Luz, oeste de SC e também discutir os pontos que não permitiram o sucesso do projeto.

O surgimento do PRTCC se deu a partir de uma demanda do governo federal, onde se cobrava do município um plano municipal de turismo, e com esse uma nova alternativa turística. Pensou-se primeiramente um turismo científico, aproveitando os atributos agrícolas de Abelardo Luz, onde seria mostrada a cadeia produtiva de grãos. Porém, a ideia não foi aceita pelos proprietários de fazendas e unidades armazenadoras.

A partir daí surgiu a ideia de aproveitar outro diferencial do município, os assentamentos. Abelardo Luz apresenta a maior concentração de assentamentos da reforma agrária do sul do Brasil, sendo 22, com mais de 1400 famílias assentadas. Então se cria o PTRCC, para aproveitar e mostrar a rica história de luta, resistência e de transformações desta região no estado.

A criação da primeira rota de turismo rural, com visita exclusiva em propriedades de assentamento do estado, foi um projeto audacioso e que despertou a curiosidade e as expectativas de todos os envolvidos, pois poderia construir um novo redesenho nas realidades das famílias participantes.

Foi uma oportunidade para famílias contarem suas histórias, suas vivências, desde a época dos acampamentos, até os dias de hoje, como as famílias foram se transformando com o tempo e foi transformando o seu lote. Contar também a importância da produção de alimentos saudáveis, da vida em comunidade e da organização das mesmas, para não perder as suas identidades.

As famílias tiveram a oportunidade de mostrar aos visitantes a sua verdade sobre o seu modo de vida, do seu jeito de plantar e cuidar da terra. Foi um momento de se quebrar preconceitos, desfazer as mentiras contadas sobre os acampamentos e assentamentos, pois era uma forma de valorização de tudo aquilo que cada família sofreu para chegar até ali.

Foram mais de 500 visitas em pouco mais de seis meses de funcionamento do projeto. Este sucesso repentino trouxe consigo alguns problemas, como a demanda

de infraestrutura, manutenção de estradas, recursos de pessoas e financeiro e visibilidade por parte do poder público.

Pode-se perceber grande descontentamento das famílias e dos envolvidos com o poder público, avaliando que o desleixo ou descaso que foi dado foi a principal causa da estagnação do projeto, já que era através da prefeitura municipal que se fechava as parcerias e de onde deveriam vir os principais incentivos.

Essa parcela de responsabilidade da prefeitura municipal se dá principalmente pela saída dos responsáveis e organizadores do projeto. Com a saída desses se rompe também as principais parcerias que haviam se criado. Porém também tem a parcela de responsabilidade das famílias, pois as mesmas talvez não tiveram a capacidade de se organizar e criar condição para a continuidade do projeto. E essa incapacidade foi causada também pelo não envolvimento direto do movimento (MST) na organização e acompanhamento das famílias.

Para a retomada do projeto é necessário a reorganização das famílias, a busca de apoio público e o aproveitamento de políticas públicas para o incentivo da atividade. Como da Lei nº 13.171, de 21 de outubro de 2015, que isenta de pagamento de tributos os empreendimentos de turismo rural. Mas só isso não é suficiente, se faz necessário um diálogo com a comunidade geral, para que estes saibam como o projeto funciona e quais são seus objetivos.

Neste caso a aproximação com a cidade se faz necessária. Uma alternativa são as feiras, a comercialização de produtos oriundos da produção da agricultura familiar dos assentamentos, aproveitando para dialogar e apresentar a diversidade presente neste espaço, por vezes pouco conhecido pela população da cidade.

Apesar dos elementos apresentados ao longo deste estudo, ainda ficam pontos a serem retomados em uma nova pesquisa, como a forma de organização das famílias e a gestão das mesmas, a estruturação e a infraestrutura necessária para a realização deste tipo de projeto, estudo de circuitos curtos de comercialização, como alternativa para a produção das famílias e principalmente o estudo em torno da autonomia e da emancipação das famílias, que podem ser constituídas através do sucesso do projeto.

Em síntese, pode-se perceber que as percepções das famílias sobre o projeto foram as seguintes: da possibilidade de uma melhoria na sua renda, na valorização do seu trabalho e da sua história, (um pouco desta história pode ser vista no ANEXO B) a quebra dos preconceitos e a desmistificação da história da luta pela terra na região. A percepção dos outros atores são as seguintes: uma oportunidade de

diversificar as atrações turísticas do município, melhor qualidade de vida para as famílias participantes, mostrar a realidade sobre os assentamentos e valorizar a história da luta pela terra no município. Além disso, os principais elementos que estrangularam o projeto foram: a falta de organização das famílias, disputas políticas, falta de recursos e acompanhamento. As principais recomendações para a retomada do projeto são: busca de incentivos a projetos deste tipo, sejam no âmbito das esferas públicas ou privadas, apoio de políticas públicas municipais para incentivo e principalmente a reorganização das famílias.

Por fim, o PTRCC, foi um projeto que garantiu melhoria na estima para as famílias, que a cada visita se sentiam mais valorizadas. Um projeto audacioso, com problemas, diferenças e preconceitos, mas que ao mesmo tempo, cheio de histórias para contar. Onde cada coisa tinha um valor, cada comida, um sabor todo especial, não só para os visitantes que se deslumbravam com as novidades, mas também para as famílias, pois as mesmas sentiam, que as dificuldades enfrentadas desde o barraco de lona, da conquista da terra, da organização, que tudo isso tinham valido a pena.

Além disso, o que também pode ter sido visto como benefício principal foi a quebra dos preconceitos por parte dos visitantes, pois esses durante as visitas tiveram a oportunidade de conhecer a verdadeira história e modo de vida dos assentados e assentadas. Portanto é fundamental também destacar a mudança nas concepções das famílias e nos visitantes que tiveram a oportunidade de participar e de conhecer a rota e o modo de vida das famílias assentadas. Com isso se passou a entender que o assentamento não é apenas um espaço de produção agrícola, mas também de produção de vida, cultura, sonhos, conquistas e principalmente de dignidade.

## REFERÊNCIAS

- ABELARDO LUZ. **Atrativos turísticos de Abelardo Luz**: disponível em: <<http://abelardoluz.sc.gov.br/turismo/item/Atrativos/>> acesso em: 10 de jan. 2018
- \_\_\_\_\_. PLANO MUNICIPAL DE TURISMO. Secretaria municipal do comercio, indústria e comercio, 2015.
- \_\_\_\_\_. CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE ABELARDO LUZ. **História do município**: disponível em<<http://www.camaraabelardoluz.sc.gov.br/páginas.php?id=1>> acesso em: 07 de agosto de 2017
- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Apocs, Unicamp, Hucitec, 2007
- ALENTEJANO, P. R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: UPF, p. 148-173. 1999.
- ANDRADE, J.V. Turismo: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 1995. Pag. 32.
- BATISTA, A. S, et al. Reforma agraria e construção do desenvolvimento do campo. In PALUDO, C; THIES, V. F (Org.). Desenvolvimento do campo em construção. Ijuí: ed. Unijuí: p. 240, 2008.
- BOECHAT, P. T. V; SANTOS, J. L. **Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias**. Programa de mestrado. Universidade Estadual da Bahia, 2009
- Bovo, C. E. O; Logatto, E; Pimentel, M. (2006). Turismo rural e metodologia participativa, ferramentas eficientes para o trabalho da extensão rural em busca do DS. In. **Anais do Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria, RS: FACOS/UFSM, 167-174.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. (Eds.). O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003, p. 41.
- GERHARDT, T; SILVEIRA, D. T (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INCRA. Instituto Nacional De Colonização e Reforma Agraria (INCRA). **Instrução normativa Incra nº 15, de 30 de março de 2004**. *Diário oficial da união*, n. 65, seção 1, p. 148, 5 abr. 2004
- MARTINS, A. F. G. **A Produção Ecológica de Arroz nos Assentamentos da Região Metropolitana De Porto Alegre: apropriação do espaço geográfico como território de resistência ativa e emancipação**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, 2017.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002

MST – Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. **Conceito de assentamento**. Caderno de Cooperação Agrícola. In Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – Universidade de São Paulo 20 a 26 de março de 2005

MTUR. Ministério do Turismo. *Turismo Rural: **Orientações básicas***. Brasília, 2º edição. 2008

MTUR. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MTUR. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Coordenação - Geral de Segmentação. – 1.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2006, pag. 10.

MTUR. Ministério do Turismo. Segmentação do Turismo: **Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006, p. 15. Disponível em; <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/download\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)> acesso em; 20 de jan. 2018

PAIM, E. A. **Aspectos da constituição histórica da região oeste de Santa Catarina**. Chapeco. 1990. In **Plano de Desenvolvimento Institucional da UNOCHAPECÓ**, 2005, p. 47

PEDRON, F. A; KLEIN, A. L. Políticas públicas para a atividade de turismo rural: estudo da utilização dos recursos do PRONAF. **Revista extensão rural**. RS, nº 11. 2004.

PENA, L. C. S. BRASILEIRO, I. L. G; SANTOS, A R. D. **Turismo e Sustentabilidade em Territórios de Assentamentos Rurais da Reforma Agrária**. In: VII SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7. 2010, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Uam, 2010. v. 1, p. 20 - 21.

PTRCC – Projeto de Turismo Rural Caminhos da Conquista. Conselho Organizativo. Relatório da primeira reunião. Abelardo Luz: 2015

RAMIRO, P. A. DIAS, I. M. **Identidade e turismo nos espaços rurais dos assentamentos de reforma agrária no Brasil**. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-16

Rede TRAF, Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar, adotado pelo MDA. **Conceito**. Disponível em; <<http://www.institutobrasilrural.org.br/download/20120220101524.pdf>> acesso em; 10 de mai. 2018

RENK, A. **Identidade comunitária**. Separata. Chapecó: Argos. 2004, p. 2.

RIBEIRO, E. A. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Local: editora, 2008

SCHNEIDER, S. **Atividades não agrícolas e turismo rural no rio grande do Sul.** In. II Congresso Internacional Sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria/RS, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar.** Porto Alegre: UFRGS 2003.

\_\_\_\_\_. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade.** REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 18 Nº. 51, 2003

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às micro e pequenas Empresas. **Relatório final do projeto CAMINHOS DA CONQUISTA em Abelardo Luz.** Chapeco, 2017.

SOUZA, S. P; HESPANHOL, R. A. M. **Dinâmicas Socioeconômicas e possibilidades de implantação do turismo rural em assentamentos nos municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista e Teodoro Sampaio-SP.** In: VII Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Presidente Prudente, 2010.

SILVEIRA, M. **“Política de Turismo: oportunidades ao Desenvolvimento local”**, in: Turismo Rural, contexto, 2001, pag. 137

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Sage Publications. 1994 / tradução. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FAMÍLIAS ENVOLVIDAS NO PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA

- 1 Nome do entrevistado:
- 2 Idade e sexo:
- 3 Data e local da entrevista:
- 4 Como foi que surgiu a ideia da construção de um projeto de turismo rural nos assentamentos em Abelardo Luz?
- 5 Quando e através de quem a família ficou sabendo do projeto?
- 6 Quais eram os objetivos no início do projeto?
- 7 Quais foram as impressões iniciais em relação ao projeto?
- 8 Como o projeto estava organizado? O que se pretendia fazer?
- 9 Quem eram os responsáveis pelas atividades do projeto? Como estavam divididas essas tarefas?
- 10 Por que a família resolveu se envolver no projeto?
- 11 Quais eram as expectativas? Tinham algum receio?
- 12 Como a família se organizou para participar do projeto?
- 13 O que as famílias do assentamento que não se envolveram no projeto comentavam? Por que elas não se envolveram?
- 14 Na proposta, como o projeto iria funcionar? Quais eram as atribuições da família?
- 15 Quanto tempo o projeto funcionou? De que mês até que mês?
- 16 Quais foram os benefícios trazidos pelo projeto para a família? Quais os benefícios para as demais famílias e para o assentamento?
- 17 Quais foram as dificuldades vistas pela família de se ter um projeto de turismo rural em área de assentamento?
- 18 O que travou o projeto?
- 19 Por que não funcionou?
- 20 O que se deveria fazer para que o projeto caminhos da conquista tivesse continuidade?
- 21 Você acredita que esse projeto tem viabilidade? Por que?
- 22 Você acredita que esse projeto pode ser retomado? Do que depende isso?

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS DEMAIS ENVOLVIDOS NO PROJETO CAMINHOS DA CONQUISTA

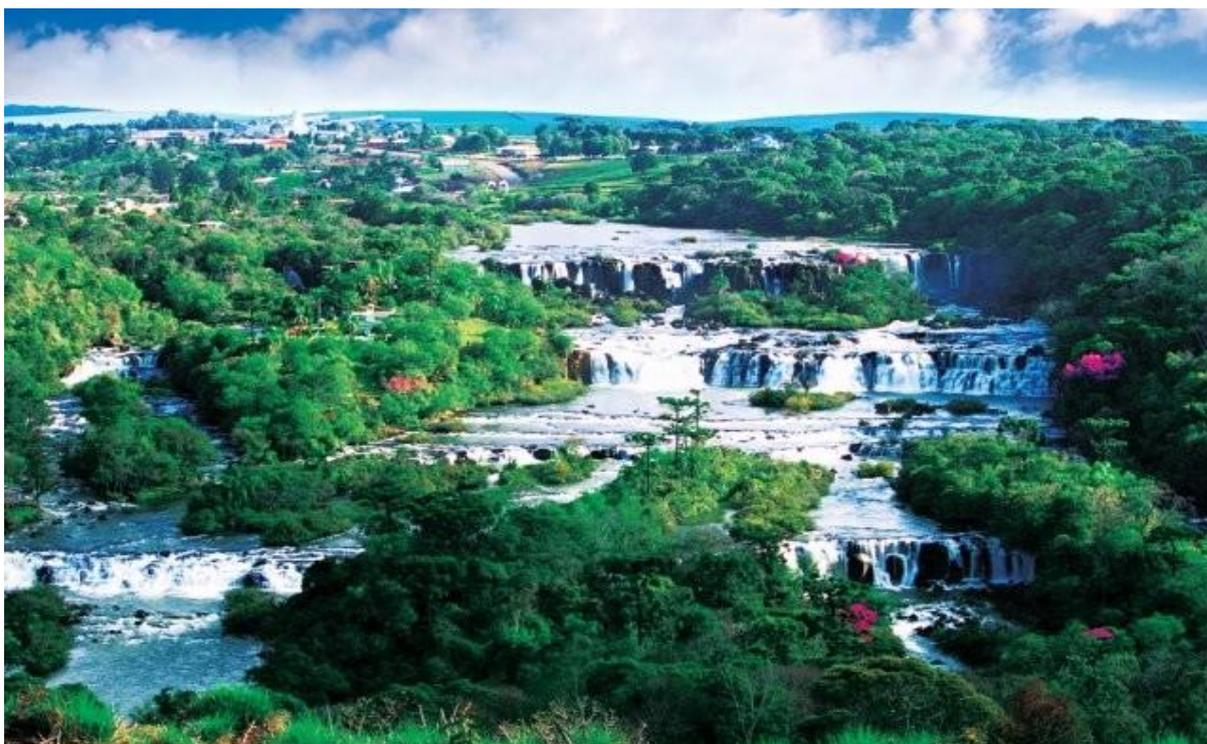
- 1 Nome do entrevistado:
- 2 Data e local da entrevista:
- 3 Formação e atividade atual do entrevistado:
- 4 Como foi que surgiu a ideia da construção de um projeto de turismo rural nos assentamentos em Abelardo Luz?
- 5 Qual foi a sua primeira impressão sobre esse projeto?
- 6 Quais as entidades envolvidas na construção do projeto?
- 7 Qual foi o seu envolvimento com o projeto?
- 8 Quais eram os objetivos?
- 9 Como o projeto estava organizado? O que se pretendia fazer?
- 10 Quem eram os responsáveis pelas atividades do projeto? Como estavam divididas as tarefas?
- 11 Como foram escolhidas as famílias de agricultores?
- 12 Quantas famílias se envolveram?
- 13 Quais eram os benefícios que se projetava? Foram alcançados?
- 14 Quanto tempo o projeto funcionou? De que mês até que mês?
- 15 Quais os benefícios gerados pelo projeto?
- 16 O que travou seu andamento? Por que não deu certo?
- 17 Você acredita que esse projeto tem viabilidade? Por que?
- 18 Você acredita que esse projeto pode ser retomado? Do que depende isso?

## ANEXO A - OS PONTOS TURÍSTICOS DO MUNÍCIPIO

### QUEDAS DO RIO CHAPECÓ

Sete quedas d'água do rio Chapecó e mais três quedas no rio das Éguas dão forma ao Complexo das Quedas de Abelardo Luz. Cachoeiras que ultrapassam os 20 metros de altura revelam a imponência das Quedas num cenário emoldurado por uma vasta vegetação. Na visita às quedas ainda é possível fazer um roteiro histórico ao visitar a Gruta Caracol, que abrigou mais de cem homens durante a revolução federalista (1893-1895). Os visitantes podem ficar bem pertinho de toda essa beleza natural numa área de fácil acesso, administrada pelo Hotel Quedas. Ali os turistas podem dispor de um parque com cabanas, piscina com tobogã, churrasqueira, trilhas ecológicas, pista de motocross, pesque-pague, observatório de pássaros, paredões de pedras esculturais, três ilhas e um bosque. Há ainda um Santuário no local, em honra à Nossa Sra. Aparecida.

Fotografia 4 – Quedas do Rio Chapecó



Fonte: Quedas em Abelardo Luz (Foto: Felipe Christi/Santur)

### PRAINHA

A Prainha está localizada a menos de cinco quilômetros do centro de Abelardo Luz e ocupa uma área de 10 hectares às margens do Rio Chapecó. Conta com ampla área de camping com 70 churrasqueiras, 10 chalés mobiliados e um restaurante.

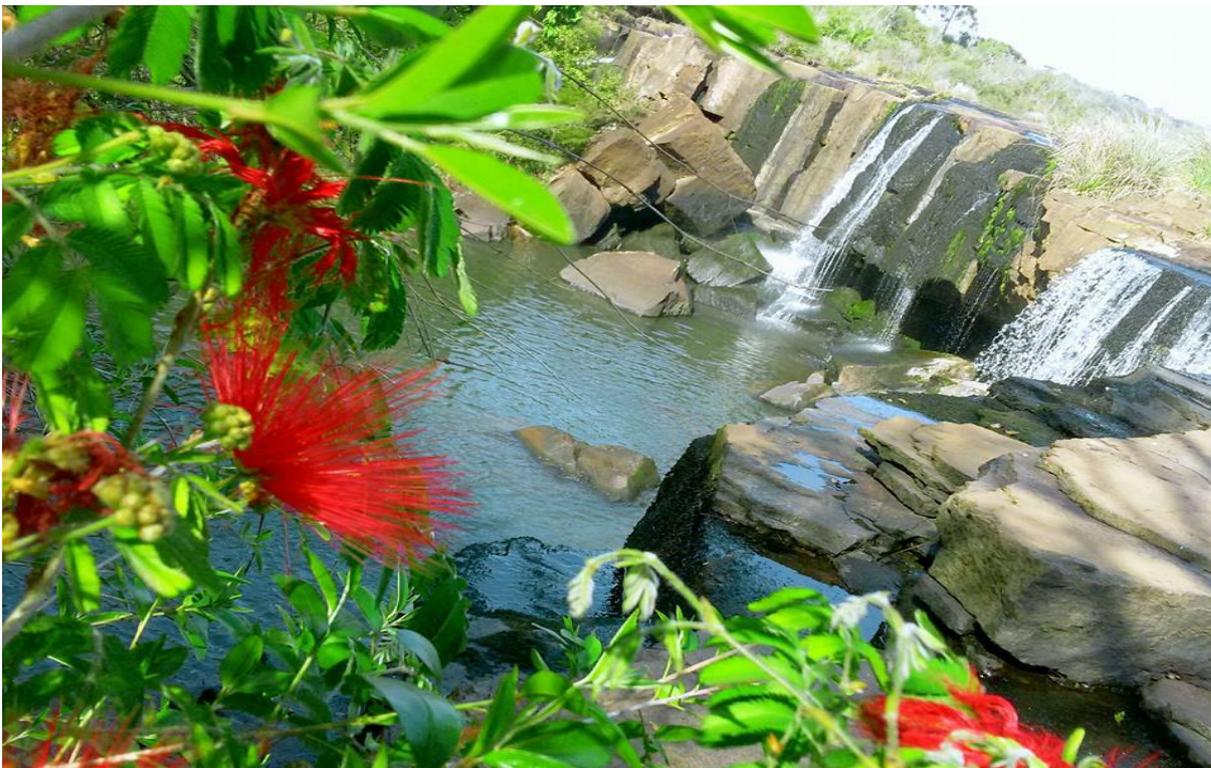
Possui campo de futebol suíço, vôlei de areia, área de pesca, cachoeira, parque infantil e piscinas com tobogã. As cachoeiras são a grande atração do local, uma delas possui oito metros de altura. Ainda existem 2km de praia para banho, que forma uma piscina natural do rio Chapecó. Há anos a Prainha é um dos locais mais procurados pelos turistas no verão, mas ela recebe visitantes o ano todo.

Fotografia 5 – vista aérea da Prainha camping



Fonte: <https://www.facebook.com/prainhacamping.abelardoluz/photos>

Fotografia 6 – Quedas da Prainha Camping



Fonte: <https://www.facebook.com/prainhacamping.abelardoluz/photos>

## BEIRA RIO

Se tem algo que Abelardo Luz exala é tranquilidade. Na cidade o ritmo só é intenso para o trabalho, mas na hora do descanso Abelardo Luz sabe oferecer o melhor. A Beira Rio também conhecida como rua do lazer é um ótimo exemplo. O desenho da avenida foi feito seguindo o Rio Chapecó, que corta a cidade de ponta a ponta. Um local próprio para lazer, caminhadas, encontros e eventos.

Fotografia 7 – Avenida Beira rio



Fonte: plano municipal de turismo (ano)

#### IGREJA E GRUTA

A igreja matriz de Abelardo Luz foi construída no formato de um navio. Há quem diga que foi um bom presságio do bispo Dom Wilson Laus Schmit, criador da paróquia de São Sebastião, de que a cidade se desenvolveria turisticamente através do Rio Chapecó, que corta a cidade. Pela arquitetura diferenciada e o simbolismo que ela traz, a igreja matriz tornou-se um atrativo para a região. A Paróquia São Sebastião recebeu esse nome porque, segundo a igreja, esse era o santo preferido dos nativos. Ela foi criada em 15 de agosto de 1963 pelo bispo de Chapecó Dom Wilson Laus Schmit, desmembrada das paróquias de Xanxerê, São Lourenço do Oeste, Faxinal dos Guedes e Vargeão. Em junho de 1977 a Igreja Matriz começou a ser edificada, e em 20 de janeiro de 1980 ela ficou pronta.

Em frente à igreja ainda é possível visitar a gruta de pedra de Nossa Senhora de Fátima - outro recanto da fé, com ares mais intimistas, decoração diferenciada e artesanal, composta por pedras e artigos decorativos da região.

Fotografia 8 - Fachada da Igreja Matriz de Abelardo Luz



Fonte: plano municipal de turismo

Fotografia 9 - Gruta Nossa Senhora de Fátima



Fonte: plano municipal de turismo

## CHÁCARA PADRE ZANATA

O Padre Narciso Zanata durante muitos anos exerceu o sacerdócio em Abelardo Luz, e após esse período decidiu permanecer na cidade, escolhendo a Chácara Ângelo Augusta, na comunidade do Araçá, para fixar residência. Ele mesmo deu nome ao sítio como forma de homenagear o Pai Ângelo e a mãe Augusta. Neste lugar ele com frequência atendia pessoas para aconselhamentos, bênçãos e indicação de tratamentos com ervas medicinais. Após a sua morte em abril de 1992, aos 71 anos, o senhor Odísio Chenet, um dos seguidores do padre Zanata que o acompanhava em suas peregrinações, decidiu manter acesa as lembranças do padre e deste trabalho de dedicação, em especial aos doentes, na casa que pertenceu ao padre Zanata.

Fotografia 10 – Chácara Padre Zanatta



Fonte: Plano municipal de turismo

Hoje, além da casa, que preserva intactos os objetos e pertences pessoais do padre, o lugar conta com um pavilhão que pode ser usado para retiros, encontros e eventos.

## ANEXO B – FOTOS HISTÓRICAS DA HISTORIA DOS ASSENTAMENTOS DE ABELARDO LUZ

Fotografia 11 – Assembleia de primeiros acampamentos



Fonte: Família Isaton (1989)

Fotografia 12 – Mutirão de limpeza na comunidade



Fonte: Família Isaton (1997)

Fotografia 13 – Festa e ciranda Assentamento 25 de maio



Fonte: Família Isaton (2000)

Fotografia 14 – Monumento em referência ao momento da ocupação e fogo na ponte



Fonte: família Isaton

Fotografia 15 – Formatura de estudantes, escolas de ensino médio, frutos da luta dos assentados



Fonte: família Isaton

Fotografia 16 – A cultura nos acampamentos



Fonte: família Isaton

Fotografia 17 – Dia de festa



Fonte: família Isaton

Fotografia 18 – dia de festa



Fonte: família Isaton

Fotografia 19 - Assembleia



Fonte: família Isaton

Fotografia 20 – Forno de carvão



Fonte: greenpeace, 2018

## ANEXO C – AS REGRAS DO PTRCC

- As regras devem privilegiar as atividades que envolvem alimentação, lazer, venda dos produtos.
- Estabelecer Critérios de avaliação das propriedades.
- Importante definir: posicionamento, priorização dos segmentos, dos mercados emissores, da identidade local, dos nichos de atuação.
- Os produtos precisam ser preferencialmente adquiridos por produtores que integram a Rota do Assentamento
- 70% do que for produzido e comercializado dentro da Rota tem que ser resultado de produção orgânica ou agroecológica.
- Fica estabelecido que 70% da Renda familiar deve vir da agricultura e 30% da Rota turística.
- Para integrar a Rota é necessário ser assentado ou ser simpatizante do Movimento Sem Terra.
- Todas as propriedades devem se adequar para atender as normas do corpo de bombeiros e da vigilância sanitária.
- Os participantes devem praticar a coleta seletiva do lixo e a destinação adequada dos resíduos.
- É obrigatório a utilização de uniformes padronizados para o serviço de alimentação.
- Os integrantes da Rota devem participar de 100% dos cursos e atividades referentes à Rota e, na impossibilidade de comparecimento, devem encaminhar um representante legal.
- Os preços praticados na Rota não podem ser abusivos, mantendo-se dentro do que for estabelecido e aprovado pelo Conselho.
- A inclusão de novos membros e consequentes roteiros está permitida desde que os interessados atendam às exigências estabelecidas no projeto, com o devido acompanhamento e aprovação do Conselho.
- As propriedades e os produtos produzidos e comercializados na Rota estão sujeitas à avaliação constante do Conselho, para que se assegure padrões mínimos de qualidade e a satisfação dos clientes.
- A exploração da atividade turística na propriedade deve atender ao que foi estabelecido no projeto, para que a oferta não seja conflitante.

- 20% das vendas serão destinados para gestão da Rota através do fundo do Conselho.
- Todo o agendamento de visitas à Rota Turística deve ser feito pelo Conselho.
- As visitas serão agendadas com, no mínimo, 48h de antecedência para que as propriedades estejam preparadas para o atendimento ao turista.
- O atendimento deve ser feito pelas pessoas que foram capacitadas na Rota.
- Cada propriedade deverá cumprir o horário pré-estabelecido para o roteiro.
- Explorar turisticamente no máximo 03 atividades.
- Ter banheiro equipado para uso facilitado dos turistas
- Estar de acordo com as normas exigidas pela vigilância sanitária
- Estar de acordo com os critérios definidos pelo Corpo de Bombeiros
- Os produtos comercializados nas propriedades deverão ser aprovados pelo grupo gestor da rota, não conflitando com os demais participantes, nem fugindo do objetivo principal do projeto turístico.